

Secretaria Municipal de Educação

Descobrir-se
Autor
♦
Contos

São Paulo | 2018



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Alexandre Schneider

Secretário Municipal de Educação

Daniel Funcia de Bonis

Secretário Adjunto

Fatima Elisabete Pereira Thimoteo

Chefe de Gabinete

Secretaria Municipal de Educação

Descobrir-se Autor



Contos

São Paulo | 2018



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br>>

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Minéa Paschoaleto Fratelli

Coordenadora

NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO

Wagner Barbosa de Lima Palanch

Diretor

NÚCLEO SALA E ESPAÇO DE LEITURA

Maria Selma Oliveira Maia

Nágila Euclides da Silva Polido

ACADEMIA ESTUDANTIL DE LETRAS

Maria Sueli Fonseca Gonçalves

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

Sueli Aparecida Vaz

REVISÃO TEXTUAL

Roberta Cristina Torres da Silva

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa

Angélica Dadario

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes - Projeto e Editoração

Joseane Alves Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Descobrir-se autor : contos. – São Paulo : SME / COPED, 2018.

160p.

Volume III resultante da 7ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao
Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

1.Contos brasileiros 2.Escolas municipais 1.Título

CDD 869.93

Caro(a) Leitor(a)

A Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura vem se configurando, a cada ano, em excelente oportunidade de divulgação das práticas e projetos da Rede Municipal de Ensino, por meio de realização de palestras, exposições temáticas, simpósios, mesas de debates, concursos, atividades lúdicas e outras, em escolas municipais, bibliotecas e centros de formação da Cidade de São Paulo.

Os estudantes da Rede Municipal de Ensino participam dessas atividades e de outras correlatas, anualmente, como protagonistas, na difusão dos princípios orientadores da criação da Lei 14.999/2009, de autoria do vereador Eliseu Gabriel, fortalecendo programas consolidados na Rede, como “Sala e Espaço de Leitura”, em 46 anos de história, atendendo a totalidade dos estudantes das Escolas Municipais de Ensino Fundamental, em São Paulo.

A Secretaria Municipal de Educação amplia ainda mais os objetivos da propositura da Lei, na medida em que, já pelo terceiro ano consecutivo, incentiva a participação autoral entre os alunos do projeto “Academia Estudantil de Letras [AEL]”, outro espaço privilegiado de fomento à leitura e à escrita.

Nesta edição, o livro “Descobrir-se Autor – 2018” contempla o gênero “CONTO” e a produção coletiva, valorizando e respeitando as ideias, opiniões e experiência de vida dos estudantes, entendendo a literatura como um fazer vital, de fruição do conhecimento, da curiosidade e da criatividade, em consonância com o Currículo da Cidade.

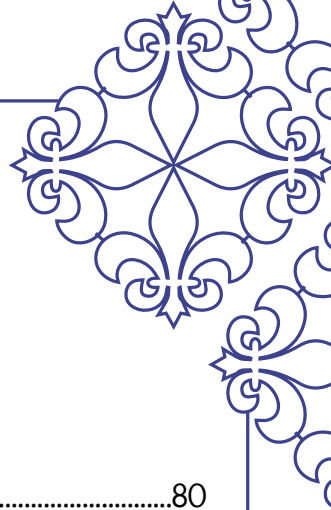
Aos estudantes, professores e gestores das escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo que participaram da realização da 7ª Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, agradecemos e parabenizamos pelo envolvimento e pela qualidade da obra produzida.

Alexandre Alves Schneider

Secretário Municipal de Educação

Sumário

Um conto de fada real	6
O quarto dos cinco sentimentos.....	10
O espetáculo quase sinistro.....	16
A entrevista	20
A vingança	26
O botão vermelho	30
Família Pereira.....	34
O mistério do bilhete	38
Cadê a Carolina?	44
Um funeral nada normal.....	54
Do livro para o palco	58
A princesa mal-educada e a AEL.....	64
Reflexo de uma vida.....	66
A felicidade mora ao lado	70
Romance na escola	74
Acontecimentos estranhos na escola.....	78



O baú mágico	80
Na calada da noite.....	88
Era uma vez.....	94
Meu lugar	100
Somos todos Severinos.....	106
A poetisa	112
O mistério do Colégio Dom Pedro I.....	116
Luiza, a sonhadora.....	124
O mistério da Armando High School.....	128
Um amor quase impossível.....	134
Convescote.....	136
Metamorfose.....	144
A dança da vida.....	148
Uma linda tarde na Biblioteca.....	152
Coordenadores da AEL nas DREs.....	159

Um conto de fada real

DRE Guaianases

AEL Cora Coralina

EMEF Antônio Pereira Ignácio

Docentes

Creusa Aparecida de Lima Ruiz

Coordenadora de Estudos Literários

Débora Matos Alauk

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

André Henrique Silva dos Santos (13 anos - 8º ano)

Beatriz Gomes de Araujo (13 anos - 8º ano)

Cauã Jessé dos Santos Moura (14 anos - 9º ano)

Enzo Silva Brandão (14 anos - 9º ano)

Henrique Erick Hamura dos Santos (13 anos - 8º ano)

Isabela Rodrigues Lins (14 anos - 8º ano)

Kimberllyn Oliveira Muniz (14 anos - 9º ano)

Leonardo Rodrigues Lins (14 anos - 8º ano)

Matheus Flores Pedroso (13 anos - 8º ano)

Marjorie Vitória dos Santos Raiz (13 anos - 7º ano)

Namã Silva Rodrigues de Freitas (11 anos - 6º ano)

Pedro Henrique Alexandrino Guimarães (14 anos - 9º ano)

Taise Aline Matos de Azevedo (13 anos - 7º ano)

Rayssa Yasmin David Reis (12 anos - 6º ano)

Vicente Alves Rulim (13 Anos - 8º ano)

Jullia Ferraz Brighenti Cavinato (12 anos - 7º ano)

Há algum tempo atrás, dentro de uma escola, não muito longe daqui, havia uma fada. Não era uma fada de histórias ou contos. Era uma fada real, de carne e osso, do tipo que transforma gente em pessoas felizes, importantes e valorizadas. A fada era cheia de ideias. Tal qual a fadinha da história, gostava de inventar formas divertidas e prazerosas de aprender.

Ela era apaixonada pela vida, por sua família, por seus amigos, por seus alunos e por seu cachorro. Motivada pelo ingrediente principal dessas relações, decidiu então utilizar o AMOR como principal ingrediente, na criação de uma poção mágica dessas que adentram os ouvidos, descem pela garganta, espalham-se por todos os órgãos, inundando a mente e, principalmente a alma, criando necessidade, dependência e desejo de mais, cada vez mais conhecimento.

A primeira dose da poção, talvez por timidez ou incertezas, demorou a fazer efeito. O ano era 2005, a fada, que também era professora de Língua Portuguesa, desejava fazer algo por alguns membros de sua lista de apaixonados, seus alunos. Saiu de casa naquele dia em direção à escola com a cabeça fervilhando de ideias. Há dias elaborava uma poção, que tinha entre seus princípios ativos a cultura da paz no ambiente escolar e o amor à Literatura. O resultado esperado do tratamento consistia no interesse por leituras e o aumento da autoestima.

Durante as aulas, ministrou a primeira dose da poção. De sua boca saíram palavras em forma de poemas,



em doses suaves, que penetravam os ouvidos até atingir o coração de seus futuros pupilos. A fada, decidida a provocá-los ainda mais, distribuiu-lhes alguns textos poéticos, instigando-os a procurá-la posteriormente, mencionando a senha: “Eu me apaixonei!”.

Dias e meses se passaram e ninguém a procurou. Desanimada e já pensando em novos ingredientes para a poção, a fada teve uma surpresa: uma garota apareceu, mencionando a senha. Dali em diante, o grupo foi se ampliando, outros pupilos, contagiados pelos respingos daquela poção, apaixonaram-se e se juntaram à garota e à fada. Após novas doses de encantamento, no dia 30 de maio de 2005, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Antônio Vieira, na Zona Leste de São Paulo, nasceu a primeira AEL – Academia Estudantil de Letras, nos moldes de uma legítima Academia de Letras, em que cada escritor, ao assumir uma cadeira, é imortalizado. Na Academia da fada, cada pupilo representava um autor da literatura, brasileira ou estrangeira, estudava a vida e a obra de escritores e assumia uma cadeira literária, tornando-se também um imortal.

Tempos depois, a fada foi convidada a produzir em escala a poção de encantamento e muitas academias foram fundadas. Desde então, cotidianamente, a fada ouve relatos e depoimentos de adoráveis fadinhas e duendes, zelosos guardiães da poção mágica, que transforma desejos em atitudes e sonhos em realidade.


Assim, em 2017, depois de dois anos de estudos literários, atividades teatrais, chás literários e seminários, desenvolvidos juntamente com outras duas fadas, que



também provaram da magia e se apaixonaram, foi fundada uma nova academia: AEL Cora Coralina.

O dia foi muito especial: os novos pupilos, mesmo ansiosos e nervosos, representaram bem a patrona escolhida e amigos literários como Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Pedro Bandeira, Rachel de Queiroz, Lygia Bojunga, Rubem Braga, entre tantos outros. Venceram a timidez ao se apresentar para os convidados e para a encantadora fada mestra que os honrou com sua presença.

Essa história não chegou ao fim... Ainda há muito que se aprender, para seduzir e contagiar outros. Os apaixonados juntam-se à AEL, compondo vagões de um trem, que conduz seus passageiros ao mundo da literatura, viajando por entre histórias, poemas, músicas e encantamentos.

A fada segue dividindo seu sonho com todos que pretendem se encantar e sabem que a leitura promove a maior transformação a que um ser humano poderia se submeter na vida. Ela é merecedora de um trono, mas humildemente passeia por entre todos, distribuindo sonhos, sorrisos e exalando o aroma daquela famosa poção que encanta a todos. 





O quarto dos cinco sentimentos



DRE Itaquera



AEL Walcyr Carrasco

EMEF Danylo José Fernandes

Docentes

Vanessa do Nascimento Vicentini

Guilherme Cunha de Carvalho

Gicélia Ferreira de Souza

Coordenadores de Estudos Literários

Vanessa do Nascimento Vicentini

Gicélia Ferreira de Souza

Coordenadores das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Eduardo Miguelde Oliveira (13 anos - 8º ano)

Jhoelyn Sabrine Dantas de Oliveira (13 anos - 7º ano)

Joyce Rodrigues Carreiro (13 anos - 8º ano)

Thaissa Souza de Moraes (13 anos - 8º ano)

Heloisa Devietro Guedes (13 anos - 8º ano)





uma cidade fora da realidade havia várias casas, todas cheias de vida, de poesia e de sentimentos: a amizade, o amor, a saudade, a alegria e a tristeza também faziam parte desta vida e passeavam livremente pelos lares e corações.

Mas, naquele lugar, havia uma casa na qual ninguém queria morar. João e seus amigos, Magali, Pedro, Brenda e Herry nunca souberam o que havia acontecido naquela casa e o porquê de ser chamada Casa dos Cinco Sentimentos. Ficavam pesquisando, perguntando, tirando dúvidas com as pessoas que ali perto moravam - já que a curiosidade e a ansiedade eram sentimentos bem presentes nos amigos - mas ninguém respondia a eles. Não satisfeito, o grupo de amigos perguntou, cada um para sua mãe, o motivo de ninguém querer morar naquela casa, e o mais inacreditável foi que todos vieram com a mesma resposta:

“Nunca cheguem perto daquela moradia, pois, dos cinco sentimentos, terão que escolher um.”

Jamais entenderam o enigma, incomodava-os não saber o que seria este “um” que ninguém nunca soube qual era, apenas aqueles que tivessem coragem de entrar lá saberiam, e como até então ninguém tivera coragem, não havia meio de desvendarem o mistério. Até porque se contava que todos que adentrassem àquele quarto, nunca mais poderiam sair. Seria verdade ou mais uma lenda da cidade fora da realidade?

Os adolescentes, muito obedientes às suas mães, deixaram para lá, mas nunca perderam a vontade de descobrir o segredo daquela casa.

Passando-se muitos anos, os adolescentes se tornaram pais e mães, todos naquela cidade fora da realidade, e, em um piscar de olhos, seus filhos Polly, Gabi, Fernando, Juli e Carlos ficaram adolescentes e também com a mesma curiosidade que marcou a vida de seus pais, queriam saber qual o mistério daquela Casa dos Cinco Sentimentos. Será que poderiam experimentar novos sentimentos, caso passassem por aquela porta? — pensavam nisso todas as noites, antes de dormir. Pesquisaram, perguntaram, tiravam dúvidas com seus pais e avós, mas era sempre a mesma resposta:

“Nunca cheguem perto daquela moradia, pois, dos cinco sentimentos, terão que escolher um.”

De novo o tempo passou e ninguém desvendara o mistério daquela casa. Todos, já adultos, resolveram se juntar: Polly, Gabi, Fernando, Juli e Carlos para, enfim, encontrar o verdadeiro mistério daquela Casa dos Cinco Sentimentos.

Conversa vai e conversa vem, sem aguentar a curiosidade que já tomava conta de todas as suas emoções, resolveram não mais esperar, o dia era hoje e o momento o agora: foram até a Casa e entraram todos juntos. Mal adentraram e já começaram a imaginar coisas que não tinham nada a ver com o que tinha de fato lá dentro, a curiosidade era tanta e tão antiga que fazia com que fantasiassem muito, mas, o atrapalhado Fernando veio correndo, esbarrou em todo mundo e todos caíram para dentro da casa. Quando se levantaram, viram que era uma casa como qualquer outra, passaram pela sala — bem velha e mofada —, pela cozinha — com



fogão enferrujado, — mas com panelas ainda — e pelo quarto que estava com a porta entreaberta. Entraram no quarto e surpreenderam-se com um cheiro forte, muito ruim. Havia algo no ar, estavam com uma sensação estranha, era como se alguém ainda morasse ali. Reviraram a casa de ponta a ponta e não encontraram nada. Ao tentarem sair do quarto, a porta fechou bruscamente fazendo um barulho enorme. Neste momento, por puro instinto, voltaram seus olhares assustados para a janela de vidro — totalmente emperrada — e perceberam que já era noite. Desesperaram-se, não viram a hora passar, muito assustados tentavam imaginar como sairiam daquela casa.

○ cansaço venceu. Mesmo com todo o medo que tomava conta de cada um, adormeceram. Mal sabiam que estavam certos: a casa ainda era habitada, lá estava o homem, proprietário de décadas, nunca visto pela vizinhança, mas ainda morava ali. Tinha baixa estatura, olhos e cabelos bem pretos e, embora o leitor não acredite, ele não tinha expressão nenhuma.

Entrou na casa e dirigiu-se para o quarto dos cinco sentimentos, lá passou a observar os cinco jovens deitados, dormindo profundamente.

○ que eles não sabiam é que ao dormir à noite naquele quarto, os sentimentos, assim como seus corpos e mentes, seriam temporariamente adormecidos assim que despertassem.

Acordaram, olharam-se, demoraram a lembrar-se do que tinha acontecido e já não sentiam nada, seus



sentimentos realmente estavam adormecidos, sequer pediram socorro quando avistaram o homem misterioso que agora tinha se revelado, o desconhecido proprietário da casa.

Ele contou-lhes sua história, de como se tornara indiferente diante das pessoas e do mundo. Dormia todas as noites naquele quarto e, por ter sido a primeira pessoa a dormir ali, todos os seus sentimentos tinham desaparecido, os bons e os ruins.

Ainda sem entender muito bem, porém sem medo – pois seus sentimentos estavam adormecidos – Fernando perguntou ao homem se algum dia poderiam ir embora daquela casa. O homem misterioso respondeu:

– Sim, poderão sair, não sinto raiva de vocês, aliás, não sinto nada! Porém, conforme me foi dito quando cheguei aqui há décadas, cada um terá de abrir mão de um sentimento para sempre, esta é a única forma que tenho para recuperar minhas emoções e deixá-los ir: se sentimentos forem deixados no quarto, eles retornarão ao meu coração, poderei chorar e rir, amar e desamar, assim. Precisava de cinco jovens que me entregassem sentimentos e aqui estão vocês.

Ainda sem sentimentos, sem vontade de bater ou medo de apanhar, sem compaixão ou ódio, os cinco amigos aceitaram as condições, pois esta era a única chave que os libertaria. Para deixar seus sentimentos, teriam de dormir uma hora do dia no quarto dos sentimentos e, antes de adormecerem, teriam de falar alto qual o sentimento desejariam abandonar.




Assim, foram se deitando, não se lembravam como era sentir nada por isso escolhiam sem saber se faziam bem ou mal ao deixar os sentimentos, sem que pudessem repetir, sussurravam as emoções que abandonariam para sempre:

Polly deixou o ódio; Gabi, a saudade; Fernando, a alegria; Julio, o amor e Carlos, o medo.

Depois de uma hora, ainda no início da manhã, todos acordaram. O homem já não estava lá, havia partido e deixado uma carta com as recomendações de como recuperar sentimentos, mas o pavor dos amigos era do tamanho deste mundo e saíram desesperados, sem olhar para trás, não viram carta alguma, partiram para uma vida desfalcada de sentimentos na cidade fora da realidade. Carlos foi o único a permanecer na casa. Ao deixar o medo no quarto dos sentimentos, passou a ser um jovem destemido, nada o assustaria mais.

Sentou-se, leu a carta e, decidido, rasgou-a! Era tudo o que queria: uma vida sem medo de nada! Não tinha medo de estar ali nem medo de ir embora, não tinha medo de não ter medo, não tinha medo de se arrepender. Nem pensou nos amigos – talvez ele já não tivesse compaixão antes de entrar no quarto dos cinco sentimentos, não é?! - e, assim como o anjo torto desses que vivem na sombra – o de Drummond – seu anjo não fora um bom conselheiro e gritou:

– Vai, Carlos! Ser destemido na vida!

E ele foi. 



O espetáculo quase sinistro

DRE Ipiranga

AEL Ziraldo

EMEF Francisco da Silveira Bueno

Docentes

Mayara Bignani

Coordenadora de Estudos Literários

Daniel Mota

Coordenador das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Ana Clara Alves de Oliveira (11 anos - 6º ano)

Cauã Henrique Ferreira Munhoz (11 anos - 6º ano)

Lauren da Graça Oliveira (11 anos - 6º ano)

Natália Rodrigues dos Santos (11 anos - 6º ano)

Fernanda Delfino (11 anos - 6º ano)

Mayara Delfino (12 anos - 7º ano)



relógio da igreja soa 11 vezes, está tarde, chove muito, tenho medo. Preciso de um lugar para passar a noite. Vejo um teatro, com janelas quebradas e uma construção inacabada. Não tenho escolha a não ser passar a noite aqui. E se ela me encontra? O que farão comigo? Estou com frio, fraca e faminta. Entro no teatro, aparentemente abandonado, e me sinto segura, pela primeira vez em muito tempo. Um barulho, uma dor de cabeça e...

Acordo com roupas diferentes, no meio do palco. Torres, gárgulas, sereias, todos olham para mim, quando escuto uma voz grossa:

– Finalmente! Acordou! Esperávamos por você!

Mas, não vejo ninguém. Estou ficando louca? Delirando? Vultos me cercam e somem rapidamente.

Levanto-me lentamente, pois a cabeça ainda dói. Estou tonta, mas encontro um folheto, jogado no palco. Na frente, o nome da peça: “O Espetáculo Quase Sinistro”, 25/05/1925, 23h25min. Percebo, do outro lado do folheto, uma frase escrita à mão: “Minha vida é um diário, meu coração é um túmulo. A morte é indecisa, mas vem para todos”.

Os trovões soam cada vez mais alto. Então, escuto uma música que me faz lembrar uma orquestra. Seria Beethoven? A Nona Sinfonia?

Na parede, um relógio marca 23h25min.

Um homem aproxima-se e diz:- Vamos logo! A peça já vai começar!



Ao olhar para a plateia, percebo que há muitas pessoas nervosas, pedindo para que o espetáculo comece logo. Gritam e jogam coisas no palco. Eu não sei o que está acontecendo. Sinto-me desorientada e confusa.

O homem chama a minha atenção:

– Você não pode ficar aí parada! Ocupe o seu lugar na peça!

– Mas... Sinto-me estranha, não me lembro de como vim parar aqui... Sinto que meus movimentos são forçados, parece que não tenho controle sobre mim.

De repente, aparecem um homem e uma mulher, vestidos de palhaço, que saem correndo da coxia, em direção ao centro do palco. Eles gargalham e, com gestos exagerados, aproximam-se de mim. Cumprimentam a plateia com um sonoro “boa noite”. Então, junto os fatos: lembro-me do folheto da peça, do dia e horário marcados e me convenço de que deveria mesmo estar ali. Mas havia um problema: que papel eu deveria representar? Eu não sabia, mas o meu papel já estava definido. Não fazia ideia de quem eram aqueles palhaços e nem aquele homem misterioso, mas uma coisa era certa: eles sabiam quem eu era!

Olho para a plateia e, ao fundo do teatro, vejo uma menina pálida, cabelos molhados e roupas rasgadas. Ela parece querer me dizer algo importante. Por meio de gestos, ela me chama e eu a sigo, entretanto, ela corre de mim em direção à coxia. E diz:

– Venha, Annabel Lee, vou lhe contar um segredo...

Ao escutar esse nome, sinto que o conheço. Sim, sou eu, Annabel, mas ainda não entendo. O que faço aqui? Quem são essas pessoas? Questiono a garotinha.



No palco, escuto declamarem um poema distante:

*“It was many and many a year ago,
In a kingdom by the sea,
That a maiden there lived whom you may know
By the name of Annabel Lee;”*

A menina responde:

– As revelações vão começar. Hoje é dia 25. Essa maldição, finalmente, deve acabar!

Vejo um clarão e retorno ao palco, em busca de respostas. Chegando lá, sinto uma mão no meu ombro.

O zelador sussurra:

– O que faz aqui? Quem é você? Esse lugar está fechado, há anos, pelo assassinato de uma jovem. Dizem que o teatro é mal-assombrado.

Assustada, respondo:

– Entrei aqui para fugir da chuva e do frio. Tive um sonho estranho, – se é que foi um sonho ou uma lembrança – não sei.

Ouve-se um grito: ANNABEL LEE!!!!

O zelador revela:

– Esse é o nome da moça que foi assassinada.

Todos me olham.

Cai o pano. 

1 Foi há muitos e muitos anos já./Num reino de ao pé do mar./Como sabeis todos, vivia lá/Aquela que eu soube amar;/E vivia sem outro pensamento/Que amar-me e eu a adorar. (Autor: Edgar Allan Poe - Tradução de Fernando Pessoa).



A entrevista

DRE Campo Limpo

AEL Kiusam de Oliveira

EMEF Francisco Rebolo

Docentes

Renata Taklan Rogow Leung

Coordenadora de Estudos Literários

Geane Vasconcelos

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Fernando Oliveira Lobato (13 anos - 8º ano)

Ivonete Gomes Azevedo (14 anos - 8º ano)

Kauan dos Santos Luiz (13 anos - 8º ano)

Paulo Henrique Garcia Soares da Silva (13 anos - 8º ano)

Daniel Vieira do Nascimento (13 anos - 8º ano)

Leticia Evelyn de Sousa Abreu (12 anos - 7º ano)

Wanessa Andie Liberato da Silva (12 anos - 7º ano)

Ela abriu os olhos antes do despertador tocar, mesmo sem ter dormido durante toda a noite. A cabeça parecia que ia explodir de tanta ansiedade: naquele dia, faria sua primeira entrevista de emprego.

No banheiro, ela se olhou no espelho, se despiu e tomou uma ducha fria. Precisava esfriar a cabeça. A água caindo sobre seus cabelos parecia lavar todos os seus medos. Saiu do banho confiante, cabeça erguida, vestiu sua melhor roupa, preparou seu café e ganhou a rua, pensando no quanto precisava daquele emprego. Por quanto tempo havia esperado por aquela oportunidade! Quantos currículos enviados, quantas portas fechadas, quantas noites sem dormir! E, finalmente, havia uma esperança... todos os obstáculos pareciam desaparecer.

Alcançou o endereço certo. Parou, diante daquele prédio imenso, e teve a sensação de que seria engolida. O medo e a ansiedade começaram a brotar de novo dentro dela.

Respirou fundo, identificou-se no balcão da recepção, entrou no elevador, e apertou o número 20. O elevador subindo...

1º andar – altas expectativas...

5º andar – ansiedade....

10º andar – nervosismo

“Meu Deus, esse elevador não chega nunca!”

15º andar – medo...

20º andar – angústia



A porta se abriu lentamente, enquanto seus olhos se fecharam. Ela tremia e via sua mãe doente, seu pai à procura de um emprego, seus irmãos menores... ela precisava daquele trabalho! A sala de espera estava cheia de outros candidatos e, ao olhar para cada um, sentia-se cada vez menos confiante.

“Senhorita Renata, compareça à sala de entrevista. Final do corredor, à esquerda”.

Suas mãos suavam, seu coração batia aceleradamente. Diante do entrevistador, sua voz parecia ter fugido...

– Muito bem, Renata, entraremos em contato. Tenha um bom dia.

Ela soube na hora. Eles não entrariam em contato.

Na rua, começou a chorar. O caminho para casa parecia não ter fim... Como olharia para seus pais? Para seus irmãos?

Mas, no meio do caminho, tinha uma escola. Tinha uma escola no meio do caminho... A sua escola, onde ela cresceu, conheceu seus melhores amigos, inclusive amigos de outros tempos, de outras eras...

Parou diante daquele lugar que lhe despertava tantas lembranças, e as vozes de seus antigos amigos e professores começaram a ecoar em sua cabeça...

“Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim

Levantei uma escada muito alta

E no alto subi

Teci um tapete floreado e no sonho me perdi...”



Ah... Cora Coralina... Renata começou a se lembrar do seminário que tinha assistido sobre ela, uma mulher guerreira, que nunca desistiu de seus sonhos e publicou seu primeiro livro aos 76 anos de idade! Também se lembrou de seu amigo Daniel, que amava aquela escritora e vivia declamando seus poemas pelos corredores... Sem perceber, um sorriso começou a brotar em seus lábios, enquanto outra voz soprou em seus ouvidos:

“Caminhos não há

Mas os pés na grama os inventarão...”

“De quem eram esses versos mesmo?” Renata puxou na memória... “Sim! Ferreira Gullar! Foi a Ester que declamou esse poema na festa de Fundação do Projeto AEL! Sim, é isso: ‘enquanto eu tiver pés para caminhar, não vou me desesperar!’.”

Tomou a decisão de voltar para casa, mas algo a prendia ali. Não queria sair de frente daquela escola onde ela tinha vivido dias tão felizes. Ao mesmo tempo, lembrou-se do olhar cansado de seu pai, do sorriso fraco de sua mãe, e perdeu mais uma vez a coragem de voltar. Como diria a eles que não tinha se saído bem na entrevista? Sentou na calçada e ouviu:

“Conhecer a dor nos ajuda a crescer e a amadurecer, e o mais importante, nos ajuda a tomar nossas decisões”.

Masashi Kishimoto, aquele autor de mangás, que o Fernando adorava... Ele tem razão.

“Tudo tem seu tempo

Tempo de nascer e de crescer



Tempo de brincar e de amadurecer


Tempo de amar e de viver

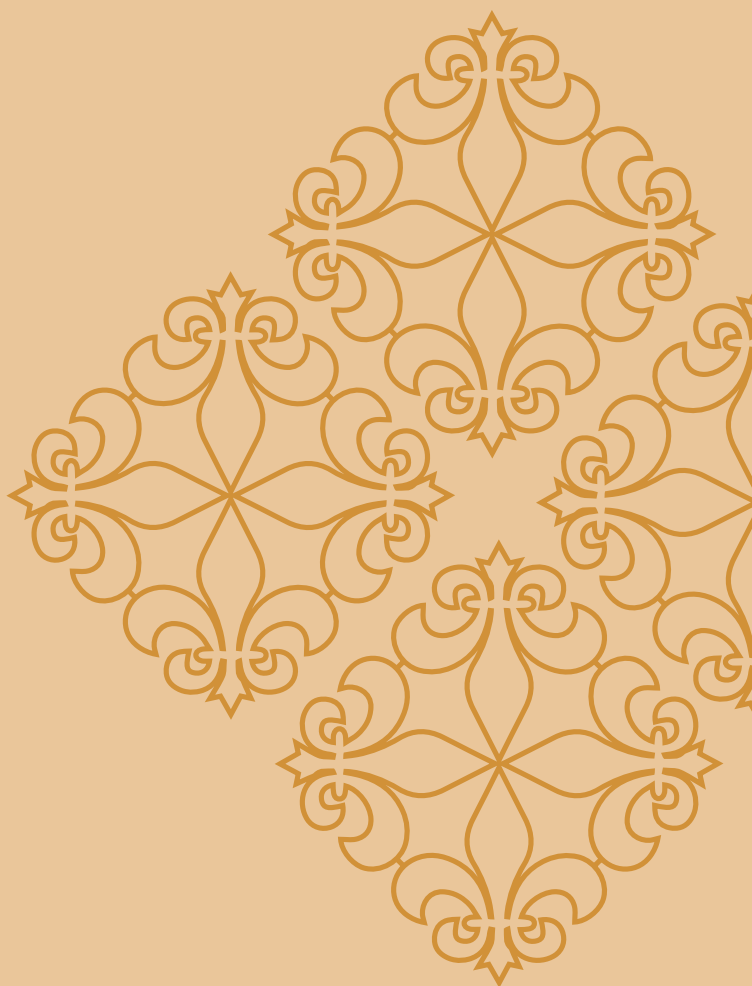
Tempo de morrer”

Mei Santana... “Tá certo”, ela pensou. “É isso mesmo! Tudo tem seu tempo! Foi minha primeira entrevista de emprego, uma hora vai dar certo!”. Enquanto se levantava, se lembrou mais uma vez do Daniel, que inspirado pela Cora Coralina, começou a escrever seus próprios textos:

“O meu mundo é repleto de maravilhas, um mundo feliz e cintilante, onde a felicidade tudo alcança”.

O Dani... ele estava sempre sorrindo, não importava o que acontecesse!

Aquelas vozes e lembranças foram acalmando seu coração... O sorriso se iluminou com a lágrima que rolou. Agora, ela podia voltar para casa. Independente do resultado da entrevista, teve a certeza de que tudo ficaria bem... Quando chegou ao portão, coração tranquilo e confiante, pôde ouvir o telefone lá dentro: triiiiiiiii... 



A vingança



DRE Penha

AEL Cora Coralina

EMEF Luis Washington Vita

Docentes

Patricia Cosmos da Silva

Coordenadora de Estudos Literários

Leon Pires Cordeiro

Coordenador das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Ailton Daniel da Silva Segundo (14 anos - 8º ano)


Alessandra Correa (15 anos - 9º ano)

Guilherme Piovezan (14 anos - 8º ano)

Jamilly Lohanny (14 anos - 8º ano)

Maria Clara Oliveira de Souza (13 anos - 8º ano)

Stephany de Souza (13 anos - 8º ano)



Numa pequena cidade chamada Brooklin, um jovem pardo, de cabelos castanhos e olhos escuros como a noite sem luar, acabava de chegar. Ele era estudante ingressante na Universidade de Direito. Um jovem tímido, que conquistava a todos com os seus gestos simples. Sentia-se meio perdido nesse novo mundo acadêmico, principalmente pelo fato de essa Universidade ser considerada uma das melhores da localidade: era grande, bem bonita e, aparentemente, um lugar onde nem todo estudante, de baixa renda, assim como ele, pudesse almejar estudar. Sentia-se sortudo por estar ali!

Andando, deslumbrado, pelos corredores, Chris esbarrou, certa vez, com outro estudante, que estava vindo em sua direção, lendo um livro.

– Olha por onde anda, novato! disse Harry, em tom de brincadeira.

– Desculpe! balbuciou Chris, todo envergonhado.

– Sou Harry, seja bem-vindo! E olhe por onde anda.

Ambos se afastaram, e seguiram seus caminhos, sem perceber que, naquele momento, tinha se iniciado um grande conflito.

Durante as aulas, os dois desconhecidos não paravam de pensar naquele encontro inesperado. Ao final do dia, Chris resolveu que deveria procurar Harry e obter mais informações sobre ele. Porém, se deparou com a seguinte cena: Harry estava aos beijos com a namorada, Elizabeth. Chris sentiu-se intimidado e voltou para casa, desolado.



Com o passar dos dias, Chris não conseguia parar de pensar em Harry e buscava várias maneiras de se aproximar daquele que se tornara sua nova paixão. Harry, por sua vez, sentia-se incomodado pela maneira com que o rapaz o tratava, porém, até já estava gostando desse tal incômodo, e perguntava, para si mesmo, se estaria ficando louco. Questionava-se: como poderia ele estar atraído por outro rapaz, sendo que já se relacionava, há algum tempo, com uma bela moça? Que pensamentos seriam esses e como ele explicaria para sua família? Ele sabia que nunca aceitariam tal situação.

Mais dias se passaram e a amizade entre Chris e Harry se fortalecia e não houve como Harry esconder seus sentimentos pelo novo amigo. Não vendo alternativa, terminou o relacionamento com Elizabeth, que não aceitou, e decidiu vingar-se do namorado.

No final da aula, desse mesmo dia, a garota foi direto para seu carro e esperou a chegada de Chris ao estacionamento da Universidade, seguindo-o. Evitando que o alcançasse, Chris tentou alterar o seu caminho, porém, distraiu-se ao receber uma mensagem de Harry, perdendo a direção e batendo carro. O acidente levou-o ao coma.


Harry se sentiu culpado, mesmo sem saber sobre a perseguição, e passou a visitar o amigo com frequência. A cada dia seu amor crescia mais e mais, na mesma proporção em que crescia a sua angústia.

– Como eu fui idiota de não ter aproveitado o tempo com você! Você precisa melhorar logo – dizia Harry ao seu amor, do qual, agora, ele não tinha mais dúvidas.



Elizabeth, que não desistira de sua vingança, vigiava, enciumada, essas visitas. Num certo dia, observando por trás da porta, com os olhos borrados de tanto chorar, o seu ódio, finalmente, convenceu-a de que o melhor a fazer seria matar os dois. Saiu, então, de seu esconderijo, com uma arma na mão, e atirou em Harry, que caiu sobre a cama de Chris. Ficou observando por mais alguns momentos e, impiedosamente, desligou os aparelhos que estavam ligados a Chris.

O alarme do hospital soou forte, como um grito.

Cega de paixão e enlouquecida, Elizabeth, sem esboçar qualquer reação de fuga, deixou-se algemar pelos policiais que já chegavam. Por entre os seus lábios, podia-se perceber um meio riso. 



O botão vermelho

DRE Freguesia/Brasilândia

AEL Chico Buarque de Hollanda

EMEF Paulo Nogueira Filho

Docentes

Camila Itikawa Gimenes

Coordenadora de Estudos Literários

Bonifácio Feitosa

Coordenador das Atividades de Teatro

Acadêmicas

Aisha Alves Ferreira (12 anos - 6º ano)

Ana Paula Santana dos Santos (14 anos - 8º ano)

Emilly Emanuely de Carvalho Souza (12 anos - 6º ano)

Victoria Chaigneau da Fonseca (12 anos - 7º ano)

Fm certo dia, estava com mais umas amigas indo para a casa da minha avó, quando nos deparamos com uma caixa muito grande. Como sou muito curiosa, abri a caixa. Para nossa surpresa, ela estava cheia de livros de literatura! Peguei um livro e minhas amigas pegaram outros e levamos para a casa da minha avó. Começamos a ler e ficamos muito empolgadas.

Passada uma semana, acordei e não achei o livro na estante nem em lugar nenhum. Encontrei com minhas amigas na escola e elas contaram que seus livros também haviam desaparecido. Ficamos procurando por eles na escola por um tempão, mas não os encontramos. Depois da aula, voltamos à casa da minha avó, para ver se algum livro havia ficado esquecido por lá. De repente, uma das nossas amigas gritou:

– AAAAAH, socorro, os livros estão andando pela casa!!!

Minhas amigas e eu ficamos bastante assustadas, não sabíamos o que fazer. Até que vi na estante um livro muito velho que estava brilhando. Não pensei duas vezes: agarrei o livro. Uma das minhas amigas tomou-o de minhas mãos e o abriu. Nesse momento, começamos a voar, como se estivéssemos em um redemoinho. Minha amiga falou:

– Precisamos fechar o livro, rápido!


E a outra respondeu:

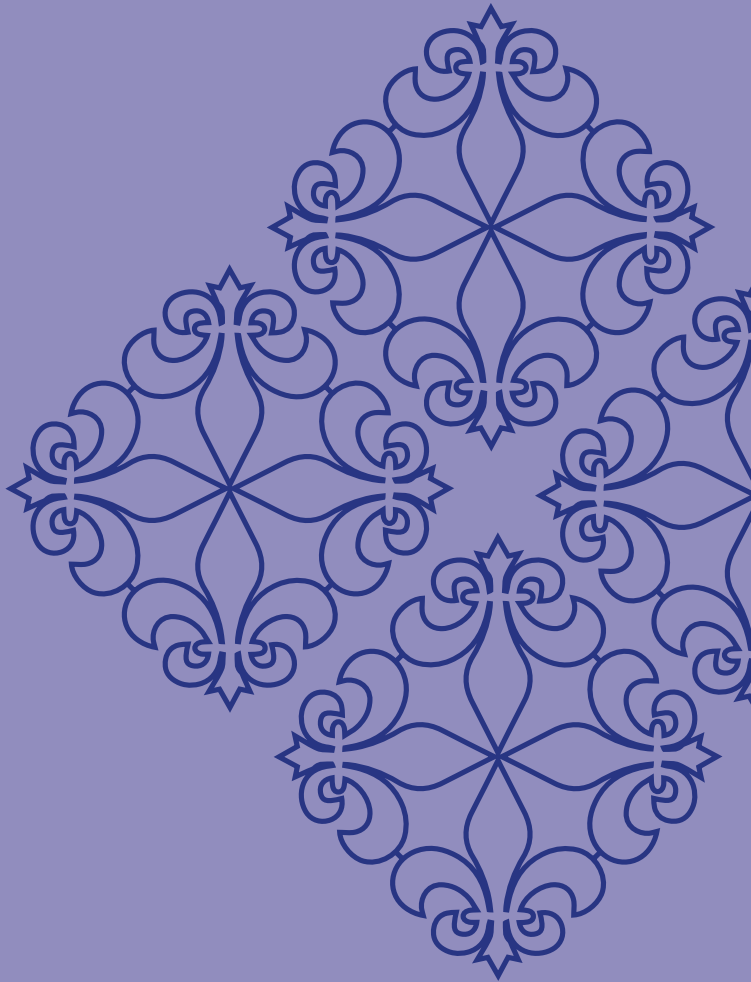
– Mas, como!?

Sem nem termos tempo de tentar fechar o livro, fomos levadas para dentro dele. Chegamos a um lugar



que era muito limpo e que se chamava “A cidade dos livros”. Todas as pessoas andavam com livros na bolsa, no bolso ou nas mãos. Havia estantes cheias de livros nos pontos de ônibus e bibliotecas, em todas as ruas.

Numa dessas estantes, achamos os livros da caixa que estávamos procurando e, ao retirá-los da estante, apareceu, ao fundo, um botão vermelho que chamava muita atenção. Movida pela minha intuição, apertei o botão e voltamos para a casa da minha avó. Lá estávamos nós e o livro muito velho, na estante, que agora brilhava fraquinho e de modo intermitente, como se desse uma piscadinha. 



Família Pereira

DRE Pirituba | Jaraguá

AEL Zivaldo

EMEF Cândido Portinari

Docentes

Daniela Santos de Melo

Coordenadora de Estudos Literários

Marcia Elaine de Freitas

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Beatriz Sabino da Silva Santana (11 anos - 6º ano)

Bruno Sacharuk da Silva (13 anos - 8º ano)

Giovanna Cristina Ignácio Rodrigues (10 anos - 5º ano)

Geovana Viana de Souza (11 anos - 6º ano)

Giovana Vitória Soares Costa (11 anos - 6º ano)

Giovanna Mondini da Costa (12 anos - 7º ano)

João Vitor Gonçalves Ferreira (10 anos - 5º ano)

Julia Cerqueira Felix (10 anos - 5º ano)

Julia da Costa Pereira (12 anos - 7º ano)

Kevilin Vitória Porto (11 anos - 6º ano)

Maria Augusta Macedo Ferracin (10 anos - 5º ano)

Maria Eduarda Poloniato Silva (12 anos - 7º ano)

Mayara Kethelyn Giarge Cruz (12 anos - 7º ano)

Micaelly Vitória da Silva Durães (10 anos - 5º ano)

Rafaela Lima da Silva de Matos (12 anos - 7º ano)

Sahmira Caroliny de Moraes (14 anos - 9º ano)

Stephani de Almeida Lima (13 anos - 7º ano)



família Pereira, mesmo muito humilde, era alegre e unida, muito conhecida por escrever lindas poesias, em uma pequena cidade chamada Perus.

Alice Pereira gostava de colocar, em suas poesias, romance e fantasias. Já Matheus Pereira gostava de aventura e um pouquinho de terror. Irineu, chefe dessa grande família, e Marilda, sua irmã, usavam de suas poesias para fazer críticas sociais. Doces e infantis eram as poesias da mãe, Jandira.

Certo dia, enquanto recitavam na Praça Inácia Dias, passou por lá um dos organizadores da Bienal, que os convidou para recitarem suas obras no evento daquele ano, que ocorreria no interior de Minas Gerais.

Viajaram por dois dias, mas a ansiedade não os permitiu comer ou descansar. Chegaram na cidade com muitas horas de atraso e, sem tempo para o devido descanso, foram imediatamente chamados para a apresentação. Porém, algo inesperado estava para acontecer...

A fome era tamanha que suas barrigas começaram a roncar logo que entraram no palco, o barulho era assustador, a plateia irritada começou a vaiá-los. Nesse instante, entrou um grupo de escoteiros para assistir à apresentação, carregando muitos biscoitos com chocolate. Alice e Matheus então avançaram sobre eles. Os pais e a tia Marilda, vendo aquilo, indignaram-se com a cena e gritaram:

– Crianças, esperem por nós!!!


Devoraram até o último biscoitinho.



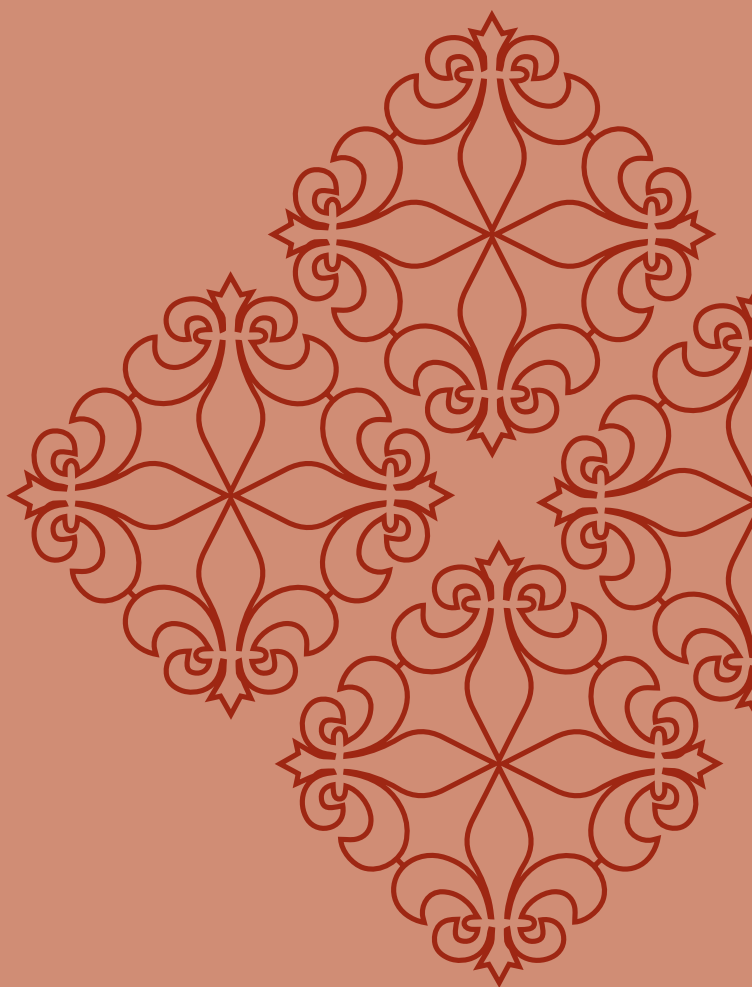
Os escoteiros ficaram observando tudo e, sem entender nada, chamaram o organizador que convidou os poetas para o evento.

Enquanto isso, a família Pereira teve a maior indigestão: de barriga cheia, todos dormiram no palco e passaram a maior vergonha.

O organizador, observando tudo isso, não acredita no que vê e diz:

– Essa foi a carreira mais curta de uma família de poetas. 





O mistério do bilhete

DRE Butantã

AEL Cecília Meireles

EMEF Teófilo Benedito Ottoni

Docentes

Gislaine Rosa dos Santos

Coordenadora de Estudos Literários

Eunice Maria da Silva

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Julya Medeiros de Oliveira (14 anos - 9º ano)

Marcos Henrique Soares dos Santos (14 anos - 9º ano)

Giovanna Marques de Barros Andrade (12 anos - 7º ano)

Marina Mathias Carvalho (9 anos - 4º ano)

Miguel Kenzo Tanaka Santos (10 anos - 5º ano)

Laura Braga Billafranca (9 anos - 4º ano)

Sarah Marques De Barros Andrade (11 anos - 6º ano)

Camilla Vitoria Francisco Carvalho (11 anos - 5º ano)

Thais Lopes Dos Santos (11 anos - 6º ano)

Foi no verão de 2017, Cecilia acordou cedo, como fazia todas as manhãs. Tomou café com leite, comeu umas bolachinhas para forrar o estômago e saiu correndo. Mal se despediu da mãe e cruzou o portão de casa. A pressa era devida à fofoca, marcada para às 6h45, na esquina da Rua Pedro Afonso com a Rua Ipiranga. Apertou o passo, como quem quisesse ser a própria fofoca. No dia anterior, Manuel tinha passado um bilhete misterioso por debaixo da mesa de João. Quando este ia ler, a professora interceptou a mensagem, ficando na mão do aluno apenas a frase “foi amor à primeira vista”. Foram para casa com a dúvida na cabeça: quem seria a misteriosa garota por quem Manuel estava apaixonado?

No dia seguinte, já na escola, as meninas estavam enlouquecidas, tentando descobrir o segredo que apenas o próprio menino e a professora sabiam. Eva exclamou assim:

– Tenho um plano!

– Qual? – disse Marina, já interessada.

– Podemos arrancar à força – continuou Eva. Tatiana, de supetão, apareceu e perguntou:

– Como vai funcionar?

– Podemos armar uma espionagem para descobrirmos algo sobre esse caso. Até porque, pode ser qualquer uma de nós – disse a aluna cujo sobrenome era Furnari.



Todas concordaram, porém, de repente, ouviu-se uma gargalhada:

– Ah, ah, ah! Vocês acham mesmo que basta espioná-lo e tudo se resolverá? Assim de boa? – disse Sylvia, a garota que costumava ser muito prudente, mas de tão zelosa, às vezes tornava-se um pouco chata, estragando os planos da turma.

Mais tarde, encontro marcado: seria durante a reunião semanal literária da Academia Estudantil de Letras - AEL, projeto do qual participavam os protagonistas desta narrativa. Dito e feito, enquanto uns pesquisavam, entre um olhar e outro, nas pequenas pausas, as meninas resolveram colocar em prática o plano. Então, Eva disse:

– Vamos verificar a rotina de João. Tatiana, você se encarrega de pegar a agenda dele, de dentro da mochila.

Mais tarde, na aula de Inglês, a menina de sobrenome Belinky inventou uma desculpa para fuçar nas coisas do colega e finalmente conseguir a tal agenda do menino apaixonado. Depois dessa façanha, ela teve certeza do que ele faria depois da escola, agradecendo e devolvendo o caderno de Manuel. Sem perder tempo, Tatiana foi correndo contar o que tinha visto às amigas.

O próximo passo era vigiar o autor do bilhete rasgado, bem de perto. Marcaram um encontro no campinho de futebol, perto da casa do Manuel, na sexta-feira, após a aula. Criaram coragem, chegaram mais perto e



tentaram espiar o que rolava, olhando pela janela. Porém, para azar das espiãs, a cortina estava fechada, só dando para ouvi-lo dizer o seguinte:

– Você é linda! A melhor coisa que aconteceu na minha vida! Que lindos olhos você tem!

As meninas, a essa altura da escuta e da fala do menino, já estavam furiosas! Afinal, de onde surgiu tanta admiração? E por quem? Recusando-se a continuar ouvindo essas declarações, elas decidem ir embora. Quando, de repente...

– Aaaah!

Todas se assustam: uma lagartixa pula no cabelo de Ana, que sai correndo, desesperada, sacudindo a cabeça, para se livrar da indesejada lagartixa. Mas o grito foi tão alto e estrondoso que Manuel ouviu e se assustou, perguntando:

– Quem está aí?

As garotas se assustaram ainda mais e um silêncio absoluto tomou conta do lugar. Em seguida, elas saíram correndo em disparada, antes que João pudesse vê-las. Assim, todas voltaram para casa, tristes e decepcionadas por não serem – nenhuma delas – a garota escolhida por ele.

Passado o final de semana, mesmo estando bravas e um pouco frustradas, as garotas estavam mais curiosas do que nunca para desvendar o mistério do nome do bilhete. Assim, decidiram continuar com o plano de espionagem. Resolveram que continuariam a acompanhar a rotina de Manuel por mais um dia.



Como já sabiam, pois estava anotado na tal agenda do colega de classe, na saída da escola, ele teria que passar no Pet Shop para comprar algo para seu bichinho de estimação. Imediatamente, as meninas – projeto de espãs – seguiram o amigo até o local. Como era de se imaginar, inexperientes nesse papel de espionagem, não tomaram o devido cuidado e...uma delas tropeçou na gaiola de um passarinho...

Resultado: Manuel acabou por vê-las. Sem saída e já cansadas, assumiram tudo, confessando o fracassado plano:

– Manuel, desde o incidente do bilhete na escola, não paramos de nos perguntar qual é o nome que consta naquele papel. Desde esse dia, bolamos um plano e queríamos descobrir quem era a menina por quem você está apaixonado. – explicou Cecília, quase em prantos.

– Menina? Que menina? Vocês estão loucas? – respondeu Manuel, rindo alto.

As garotas, sem entender nada, disseram:

– A menina da carta, do bilhete, o tal do segredo...

Foi aí que Manuel não conteve a gargalhada e quase chorou de tanto rir.

– Qual o motivo de tanta gargalhada? – perguntou Sylvia.

Ele, então, logo respondeu, em um tom bastante sarcástico, com uma pitada de humor:



– Ah, a tal “menina” da carta, do bilhete que a professora pegou, é ninguém mais ninguém menos que o meu Porquinho da Índia, um presente dos meus pais, que eu simplesmente adorei. Esse bichinho – uma fêmea – tem ocupado o meu tempo e a minha mente. Cuidar de alguém requer tempo e muito carinho. É por ela que estou apaixonado!!!

– Aaaahhhh! - disseram, ao mesmo tempo, envergonhadas do papelão a que se prestaram, por causa de um animalzinho de estimação.

No fim, depois de pagar esse mico, todas riram da história que ficará guardada no coração de todos, como uma doce lembrança do primeiro amor do garoto mais cobiçado daquela classe, ou talvez da escola. 🌸



Cadê a Carolina?

DRE Santo Amaro

AEL Carolina Maria de Jesus

EMEF Prof.^a Liliâne Verzini Silva

Docentes

Denise Aparecida de Melo da Silva

Coordenadora de Estudos Literários

Cecília Oliveira Peres

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Ana Julia Romanholi Guimarães Almeida (II anos - 5º ano)

Ana Vitória Ferreira de Sousa (II anos - 5º ano)

Francine Gusman Alves (II anos - 5º ano)

Ashley Soares Pereira (II anos - 5º ano)

Beatriz Maria Torres da Silva (II anos - 5º ano)

Geovana Souza Barreto (II anos - 5º ano)

Bianca Gomes Azevedo (10 anos - 4º ano)

Bruna Gomes Azevedo (10 anos - 4º ano)

Sophia dos Santos Xavier (10 anos - 4º ano)

Geovana Ferreira dos Santos (10 anos - 5º ano)

Lahra Winy Barbosa de Brito (10 anos - 4º ano)

Thifany Emanuely Vitória Souza de Oliveira (10 anos - 4º ano)

Natanael Alves dos Santos (10 anos - 5º ano)



Ana Beatriz Santos Toledo (9 anos - 4º ano)

Samili Vitória Gomes Rodrigues (9 anos - 4º ano)



Fabyolla da Guia Mota da Silva (9 anos - 4º ano)


Eduardo Souza Melo (II anos - 4º ano)

Sophia dos Santos Xavier - (9 anos - 4º ano)



Ana Clara de Melo Almeida Mendes (9 anos - 3º ano)
Keylla Quezia Muriel Santos Silva (9 anos - 4º ano)
Mariane Marques de Santos (9 anos - 4º ano)
Murilo Oliveira Lima (9 anos - 4º ano)
Daiane Barbosa de Cerqueira (9 anos - 3º ano)
Iara Oliveira Lemos (9 anos - 4º ano)
João Victor da Silva Moreira (9 anos - 4º ano)
Sophia Argolo Cardoso (9 anos - 4º ano)
Maria Eduarda Silva de Sales (9 anos - 3º ano)
Guilherme Augusto Santos Cannas (9 anos - 4º ano)
João Vitor Tenório Oliveira (9 anos - 4º ano)



 Naquele dia, estávamos nos preparando para uma visita cultural ao MAM, no Ibirapuera, animados, mas um tanto tristes, este seria nosso último encontro da Academia Estudantil de Letras – AEL, em 2017 e, além do mais, alguns colegas acadêmicos sairiam da escola. Desta forma, o passeio seria também uma despedida, a “prô” até sugeriu que fizéssemos um piquenique compartilhando nossos lanches, tudo de todos. Durante o trajeto, nossa amiga Iris chorava copiosamente, já estava saindo da escola e sua mãe tinha intenções de voltar à sua cidade natal, Garanhuns, em Pernambuco. Então, não poderia nem mesmo ocupar a cadeira de membro vitalício. Sua tristeza contagiou a todos e começamos a lembrar do quanto o ano tinha sido legal, e como passou rápido... Foi aí que resolvemos nos lembrar de tudo que aconteceu durante o ano.



O ano tinha sido demais! E assim, entre paradas nos faróis, trânsito, gritos nos túneis e tchauzinhos aos motoqueiros nas avenidas, o Pedro começou:

– No início do ano recebemos novos colegas para a AEL, foi bom conhecer e fazer novas amizades, principalmente com aqueles que não temos muito contato, ou porque não conhecemos, pois são de outro período, ou porque nunca nos aproximamos e, às vezes, até julgamos pela aparência: foi o que aconteceu com a Bianca, algumas meninas disseram que ela era exibida e quando tiveram a oportunidade de conhecê-la melhor, souberam quem ela realmente era. Neste momento, ela se pôs de pé e começou a desfilar pelo corredor.

– Sente-se, menina! - a “prô” disse - Você vai cair.

– Ah! Deixe-me desfilar, sou exibida mesmo e gosto de ser assim.

Todos riram, mas já nos acostumamos com seu jeito espalhafatoso, e assim, conhecendo-a melhor, ficamos amigos dela e de todos os outros. Afinal de contas, cada um tem seu jeito e, desde que todos se respeitem, é até legal ser diferente. Com os novos acadêmicos, começou tudo de novo, os já empossados achavam-se a última bolacha recheada do pacote, queriam ensinar, explicar quem era nossa patrona e informavam, já experientes, que era preciso fazer a pasta do acadêmico, falavam sem parar, uns atropelando os outros; na verdade, era um querendo mostrar que sabia mais do que o outro e, quando falavam dos amigos literários, nossa! Nesse momento, lembramos da Larissa, porque ela ficava brava quando alguém dizia que ia escolher o Daniel Munduruku:



– Não, o Daniel é meu!

Mas, Larissa, você vai embora da escola e outra criança pode ocupar a cadeira dele.

– Não, ele é meu e eu nunca vou deixar a AEL! Ela respondia brava, com esta possibilidade. De fato, ela era a mais possessiva, em termos de amigo literário. Demorou um pouco até que todos entendessem o que era a AEL, no entanto, até nosso primeiro evento, o Chá Literário, todos já estavam bem acostumados com as nomenclaturas da AEL.

– Quando foi mesmo o Chá Literário? - perguntou um aluno.

– Foi em abril... eu acho, disse a Sarah.

– Foi mesmo, lembro que foi perto do dia das mães, a “prô” até pediu fotos nossas com as nossas mães, e ainda pediu segredo, era uma surpresa.

Os preparativos para o Chá Literário foram hilários, fomos separados em dois grupos, a turma do 3º ano ia apresentar a peça: “O casamento da Dona Baratinha”; já os veteranos fizeram um sarau. Para o sarau cada um falou uma poesia de seu amigo literário, alguns recitaram parlendas, outros, trava-línguas. Quando o dia chegou, foi emocionante! As fantasias eram lindas, tinha até roupa de bailarina e de borboleta para as meninas. Elas falaram direitinho, não erraram nem a coreografia, lembrou a Emanuela. Já a Dona Baratinha...foi um espetáculo de improvisação, esqueceram as falas, os animais não entraram na hora certa, até o ratinho caiu na panela antes do



combinado, tudo bem que ele tinha que cair mesmo, mas só no fim da história, foi muito engraçado; houve até quem chorou de nervosismo, mas quando acabou, os pais aplaudiram de pé e, na verdade, eles nem perceberam as falhas e foi só felicidade. No encerramento, todos foram convidados a tomar um delicioso chá, incluindo a professora Suelizinha, que a Kelly incumbiu-se de explicar:

– Ela é a “mãe” da AEL, gente!

O ano foi passando e, durante as pesquisas, descobrimos fatos interessantes de nossos amigos. Compartilhar com a turma as curiosidades foi bem legal e, por falar no assunto, você sabia que Monteiro Lobato passava a noite respondendo às cartas de seus leitores, principalmente das crianças? E que Pedro Bandeira já trabalhou com teatro de bonecos? E agora, pasmem... Você sabia que Vinícius de Moraes foi casado dez vezes? E que Ruth Rocha começou a escrever inspirada nos clássicos de Monteiro Lobato? E que o nome de Cora Coralina não era este... que ela só o escolheu porque queria um nome incomum, pois seu nome de batismo é Ana Lins dos Guimarães? Foi incrível saber que a Kiusam de Oliveira era nossa vizinha, sim, ela nasceu em Santo André, mas havia trabalhado durante muito tempo pertinho de nós, em Diadema, município que faz divisa com a nossa escola! Quando a Ana Vitória soube que Adélia Prado é conterrânea de seu pai, nascido em Divinópolis, isso fez com que ela se apaixonasse ainda mais pela escritora. Interessante também foi descobrir que as principais



personagens da turma da Mônica são baseadas nos filhos do Mauricio de Sousa e seus amigos, e vê-los adultos foi bem divertido. Um fato muito interessante foi descobrir que o livro “Pai, não fui eu!”, de Ilan Brenmam, foi baseado num fato que realmente aconteceu entre ele e sua filha. Quantas descobertas!

Conhecer a OCA foi muito bom, logo na entrada uma pequena confusão se fez, pois todos queriam acompanhar o Lucas, que é cadeirante. Subir e descer os andares de elevador foi uma atração à parte para alguns. Enquanto visitávamos as obras, tinha sempre um comentário: “meu amigo pra cá, meu amigo pra lá”...Enfim, o monitor ficou muito curioso e tivemos que explicar o que era aquilo. Após a explicação, ele elogiou a turma e direcionou a visita a algumas obras que falavam sobre nossas experiências no Projeto. Melhor ainda foi a discussão sobre territórios e raças: argumentamos como grandes acadêmicos, defendendo um país justo para todos, foi demais!

Alguém gritou:

– Olha! Aquele não é o Ibirapuera?

– Sim, já estávamos chegando. Alguns não conheciam o Parque e se maravilharam com tanta beleza. A Ashley espantou-se, quando viu uma árvore da AEL. Como assim? Árvore da AEL?

– Sim, ela encontrou uma árvore escrita AEL, parecia cena de filme, pensar que o projeto já existe há mais de 10 anos e que tantas outras academias já se confraternizaram ali, deixando, literalmente, sua marca



naquele lugar. Isso nos deixou especialmente felizes. O piquenique foi um sucesso, ou melhor, uma delícia: ficou difícil escolher entre tantas gostosuras.

Continuando o passeio, nós nos deparamos com o Museu Afro Brasil. Rapidamente, a “prô” nos contou o que tinha no Museu e, principalmente, que a biblioteca tinha o nome de nossa patrona, e que um dia podíamos conhecê-lo melhor. No entanto, naquele momento, não tínhamos tempo o suficiente para isto e iríamos aproveitar o curto tempo que restava para brincar no Parque, afinal o parquinho estava vazio e era todo nosso e, quase todos correram para aproveitar. Foi muito divertido, todavia, tão bom quanto, foi cantar o “Rap da Carolina” no trajeto até o MAM, quando os visitantes do Parque, surpresos, paravam para nos ver, aplaudiam, e até nos filmaram! Fizemos o maior sucesso, só faltou pedirem autógrafos! Ao chegarmos à portaria, a “prô” foi fazer o credenciamento, enquanto a monitora, que nos ouviu cantando, pediu que nos apresentássemos, acredito que movida pela empolgação do Rap. O primeiro a se apresentar foi o Ricardo Azevedo, seguido por Cecilia Meireles, Ruth Rocha e, assim por diante. Quando chegou a vez de Sergio Vaz, alguém interrompeu:

– Cadê a Carolina?

Trocamos olhares assustados.

Depois de uma olhada ao redor, já estávamos com olhos marejados. Antes que o pânico tomasse conta, a monitora pediu calma, e fixando o olhar em algumas lágrimas que já teimavam em cair, ligou para a administração do Parque, que pediu as características de



“Carolina” - não seria difícil encontrá-la, pois estava com a camiseta da AEL. Neste momento tratou de nos dividir em grupos menores, alguns ficaram com a Dona Laura, a inspetora da escola que nos acompanhou, e outros alunos ficaram com a professora Sueli Vaz, representante da SME, o terceiro grupo ficou com a monitora do MAM. Após combinarmos um breve tempo para nos reencontrarmos, tínhamos certeza de que a encontraríamos rápido. Resolvemos nos separar: parquinho, área do piquenique, até o banheiro, tudo foi minuciosamente vasculhado e, para nós, que já não ouvíamos o som dos pássaros, o único som que ecoava era: “Cadê a Carolina?”. Desconsolados e tristes, voltamos ao lugar combinado, esperançosos de que algum grupo pudesse tê-la encontrado, contudo, quando os três grupos se reencontraram, as palavras faltaram, olhinhos se cruzavam e, mesmo no silêncio, como um sussurro, podíamos ouvir... “Cadê a Carolina?”.

Neste momento, a “prô” sai do Museu e, inexplicavelmente animada, pergunta:

– E aí turma, demorou um pouco, mas já está tudo preparado, vamos entrar?

Um coletivo e estrondoso NÃO foi ouvido nos arredores do Parque. A “prô” espantada, perguntou-nos:

– Por que não?

Num só coro, gritamos:

– Cadê a Carolina?

Ela disse:



– Carolina? Como assim? Que “Carolina” vocês estão procurando, já que não havia nenhuma Carolina no grupo?

Neste exato momento, a Rita saiu de dentro do Museu, preocupada com a demora de todos. Imediatamente, os rostinhos tristes se transformaram em pura alegria e, desta vez, fomos interrompidos pela monitora, que não estava entendendo nada:

– Professora, a senhora não pediu para esperarmos, pois, depois do credenciamento, buscaria a aluna Rita, no Museu Afro Brasil? A senhora não disse “Carolina”... A senhora disse “Rita”...

A “prô”, então, sorrindo, explicou:

– A Rita e a Carolina são a mesma pessoa! Na verdade, Carolina é “Carolina Maria de Jesus”, a patrona da Academia Estudantil de Letras da nossa escola, e a Rita é a aluna que ocupa a cadeira literária número 1, de Carolina Maria de Jesus, entendeu?

E continuou:


Devo confessar que, quando passamos pelo Museu Afro, a menina Rita não hesitou e, confidencialmente, pediu-me para deixá-la conhecer a biblioteca do Museu, pois, talvez não tivesse outra oportunidade. Seus argumentos foram incontestáveis para eu negar, e assim, combinamos que eu voltaria mais tarde para buscá-la, e o fiz, logo após o credenciamento.

Um tanto constrangida, a “prô” pediu desculpas a todos pelo ocorrido.



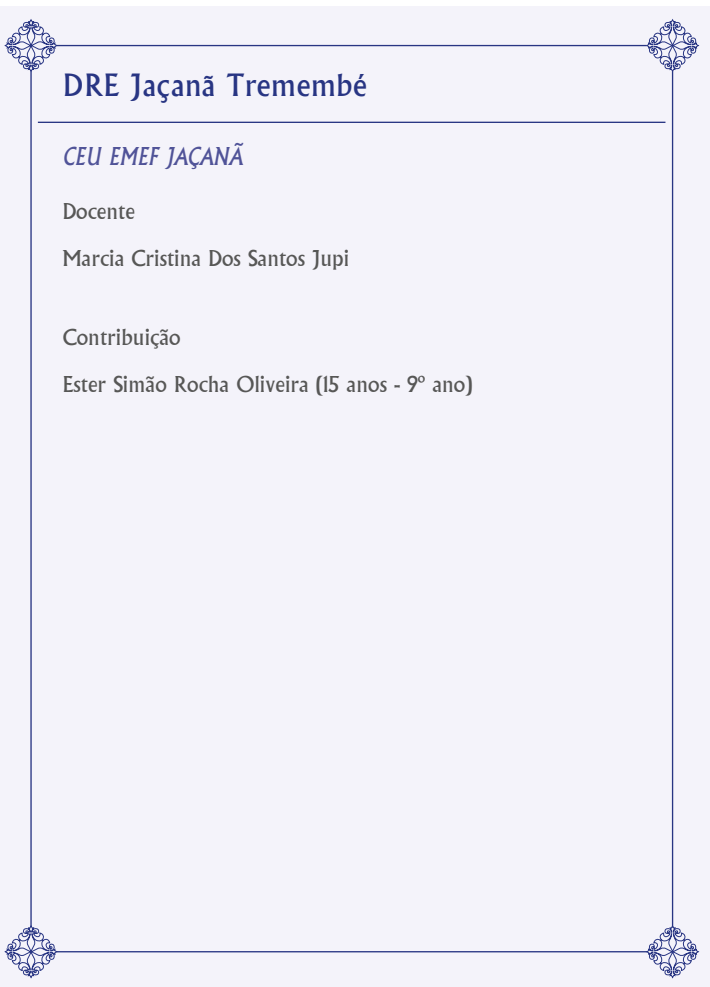
A monitora, igualmente, disse sentir-se culpada. E também se desculpou. Avisou a administração que já havíamos encontrado a “Carolina”. E riu, em cumplicidade, enquanto esclarecia o mal-entendido.

Finalmente entramos. A visita foi emocionante! Após examinarmos algumas obras, iniciamos uma roda de conversa e, na ocasião, debatemos sobre as questões do negro na periferia, temas presentes nas obras. Segregação e racismo foram as palavras-chave de nossa conversa e, extremamente simpática, a monitora ouvia um a um, com muita atenção. A emoção foi tomando conta de todos, pois, mesmo tão jovens, trazíamos relatos duros da realidade da vida na periferia, as questões raciais estavam fortemente presentes em nosso cotidiano e nos faziam amadurecer precocemente. No entanto, como nosso rap diz, “somos negros, indígenas, brancos, na correria, somos muitos, somos fortes, somos Carolina, o grito da periferia...” e assim como Carolina, não vamos desistir, pois nosso lugar é onde queremos estar.

Já aos prantos a monitora, que era negra, confidenciou-nos sua origem periférica e disse que em tantos anos como arte-educadora era a primeira vez que chorava e que sentia ter aprendido mais do que havia ensinado... 



Um funeral nada normal



DRE Jaçanã Tremembé

CEU EMEF JAÇANÃ

Docente

Marcia Cristina Dos Santos Jupi

Contribuição

Ester Simão Rocha Oliveira (15 anos - 9º ano)



dia era tristíssimo, afinal, meu avô havia deixado esta vida para sempre.

Logo que o caixão chegou, foram necessárias várias pessoas para conduzir o féretro para a sala do velório, já destinada para ele.

A família ficou durante algum tempo velando os últimos momentos do meu finado avô neste mundo, até que ouvimos uma reza vinda da sala ao lado, demonstrando o término de um velório. As orações foram repetidas várias vezes e depois, seguidas por canções religiosas.

Senti-me sufocada e decidi sair um pouco para tomar água. No caminho, vi várias pessoas na sala onde são servidas as bebidas convencionais: água, chá e café. Passei por todas elas, tomei água e retornei, tendo de, obrigatoriamente, atravessar a sala de onde, minutos antes, vinham as rezas e os cânticos.

Confesso que fui tomada por um misto de susto e de surpresa, quando olhei para dentro e pude ver o corpo inerte, no féretro. Era uma mulher. Ela estava deitada no caixão, mas tinha um aspecto nada convencional. Usava um batom rosa choque, contrastando com os cabelos platinados e fazendo perfeita combinação com uma maquiagem pesada.

A maquiagem, por si, já era um tanto assustadora para uma mulher que estava prestes a adentrar à terra. No entanto, sua roupa parecia pouco apropriada também. Ela usava uma minissaia roxa e uma blusa cor de rosa decotadíssima. O conjunto da obra poderia nos indicar qualquer



coisa: festa, balada, passeio com as amigas ou com o crush ou qualquer atividade social, mas não um velório. Pior ainda, o velório dela mesma...

Não me contive e, observando ao redor, olhei em especial para uma mulher que estava próxima a mim e perguntei:

– Quem é essa senhora? Por que ela veste essa roupa e está tão maquiada?

A mulher me olhou com profunda tristeza e explicou, pouco antes de cair em prantos:

– Quando viva, ela sempre se vestiu e se maquiou assim e tinha o desejo de ser velada e sepultada como se estivesse viva, com tudo de que mais gostava, tudo mesmo!

Franzi a testa e voltei para tomar um pouco mais de água. A visão e as revelações foram demais para mim. Não demorei a voltar ao velório do meu avô, pois o horário do sepultamento já se aproximava.

Enquanto isso, as pessoas que acompanhavam o funeral da estranha mulher foram servidas com uma lata de Guaraná Jesus. Era um líquido rosa, ao estilo do batom da defunta e muito doce. Até eu ganhei uma lata, mas não tive coragem de tomar tudo. Sabe-se lá de onde veio ou o que é?

Chegado o momento, o cortejo fúnebre seguiu rumo ao cemitério, para sepultar meu avô. Andamos muito até chegar ao local e, quando chegamos, mais triste ainda foi ver o corpo do meu amado avô ser colocado na última gaveta do túmulo. Estava feito: meu avô se fora para sempre...

Mas nem tudo havia terminado. A mulher enigmática, da sala ao lado daquela de onde velamos o meu avô,



também estava prestes a ser sepultada, para a tristeza da família. O rabecão ia à frente e, atrás dele, um grupo de aproximadamente trinta pessoas. Algumas delas traziam alguns objetos nas mãos, mas não consegui saber o que eram.

O sepultamento foi ali, bem próximo ao lugar onde eu estava, portanto, fui testemunha ocular de tudo. Os objetos viraram caixas de som, das quais saía uma música muito estrondosa, uma espécie de forró de gosto duvidoso.

Juntaram-se aos familiares e amigos mais próximos um grupo maior, de cerca de oitenta pessoas, algumas, inclusive, usando roupas similares às da defunta.


Enquanto uns choravam junto ao túmulo, outros, mais próximos à música, pareciam não se importar com o lugar onde estavam, tampouco com a circunstância, acompanhando a letra, dançando e se divertindo, dentro do possível.

Voltando para casa, fiz um comentário com minha mãe:

– Até num funeral tem como se rir, porque teve de tudo por aqui hoje.

Minha mãe concordou comigo, afinal, quem é que disse que num funeral não se pode rir, seja por convenção ou por falta de motivos?

Qual não foi a minha surpresa, quando meu pai, navegando pelas redes sociais, viu uma publicação informando sobre a “passagem” de uma popular cantora de forró, que teria sido sepultada no mesmo cemitério do meu avô.

Enfim, eu bem que havia desconfiado de que aquele funeral não era nada normal... 



Do livro para o palco

DRE São Miguel Paulista

AEL Ruth Rocha

EMEF Sud Mennucci

Docentes

Ivanira Gomes de Aquino Santos

Coordenadora de Estudos Literários

Ivanira Gomes de Aquino Santos

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Isabella Valéria Liberal de Jesus (13 anos - 8º ano)

Sarah Cristina Santos Souza (13 anos - 8º ano)

Raissa Mirelli Luiz de Souza (13 anos - 8º ano)

Ana Júlia Barbosa de Lima Santos (13 anos - 8º ano)

Vinicius Verissimo de Santana (12 anos - 6º ano)

Gabriel Verissimo de Santana (14 anos - 9º ano)

Giovanna de Queiroz (10 anos - 5º ano)

Kayane Katerine de Queiroz (10 anos - 5º ano)

Francielly Silva de Souza (10 anos - 5º ano)

Maria Vitoria Bispo dos Santos (14 anos - 9º ano)

Kauany Cristina Fonseca Tosin (13 anos - 8º ano)

Agatá Rodrigues da Silva (13 anos - 8º ano)

Beatriz Soares de Souza (9 anos - 4º ano)

David Ferreira Barbosa (8 anos - 3º ano)

Danilo Gonçalves Assunção (7 anos - 2º ano)

Pietra Gabrieli de Siqueira Campos (8 anos - 3º ano)



Quem poderia imaginar que naquele dia trinta de novembro de 2017 estaríamos apresentando uma peça de teatro? Quem se lembra dos bastidores?

– Ai, meu Deus! Quanta gente! - Pronto... - falou a mais desesperada da turma - Não se preocupe, não! Daqui a pouco todos estarão aqui dentro, para nos assistir.

– Ah, para, Gabriel! Não sou tão desesperada assim...

– Ana Julia, você está tremendo! - Vamos ficar calmos, nós ensaiamos bastante, e ainda falta uma hora para começar o espetáculo!

– Pronto... falou a Duda, a dona Sabe Tudo!

– Fala, Raíssa! Você está tão quieta!...

– Só eu? Estou até lendo os pensamentos da Maria Vitória...

– Meus pensamentos? E a Sarah, que não para de roer as unhas?

- Para mantermos a calma, vamos lembrar como chegamos até aqui... Podíamos começar com... “Era uma vez muita gente diferente, num mesmo lugar...”.

– A Isabela só pensa em contos de fadas!

– Então, começa você!

“Chegaram de toda parte da escola. Mais ou menos vinte alunos, de idades diferentes. Não sabiam nem se seriam amigos. Estavam todos diante daquela porta, que se abriria para eles duas vezes por semana, para que vivessem novas experiências”.



Aquela sala era um tanto misteriosa para eles. Podiam entrar ali uma vez por semana, onde o tempo passava muito rápido. Provavelmente, porque era muito bom estar ali. “O que é bom sempre dura pouco” – já se diz há muito tempo... As salas de aula deveriam ser como aquela: bem iluminada, com mesas redondas, com quatro ou cinco cadeiras, para que os estudantes se sentassem juntos. Em quase todas as paredes havia estantes de livros, o que deixava o ambiente bem colorido e acolhedor.

Naquele primeiro momento, no mês de março de 2017, os alunos estavam se perguntando: O que seria “aquele” projeto? O que seria AEL?

Som de vozes ansiosas, diante da porta fechada. Uma professora chega, cumprimenta os alunos e abre a porta. Pede que cada um pegue uma cadeira e a coloque no fundo da sala, formando uma roda. A timidez e a curiosidade estavam na linha de frente.

A professora se apresentou e, claro, tentou dizer o que, afinal de contas, seria aquele projeto, começando por decifrar a sigla: “AEL significava Academia Estudantil de Letras”.

À primeira vista, porém, não parecia existir diferença do comportamento da sala de aula: alguns queriam falar (ao mesmo tempo); outros travavam, e não queriam falar nada.

Todos concordavam, porém, em um quesito: era muito bom estar na sala de leitura!



Deveríamos escolher um amigo literário. Seria uma grande aventura essa procura! Como encontrar um amigo no meio dos livros? Como encontrar um amigo, entre tantos livros?

A professora retirou das estantes livros diversos, de poesias, de vários autores, naquele primeiro encontro. Escolhemos poemas e lemos, para o grupo todo, na roda de leitura. No encontro seguinte, outra surpresa: recebemos orientações para a representação dos poemas.

E foram tantos poemas, que logo começaram as viagens literárias. Todas as meninas queriam se tornar as bailarinas de Cecília. E dançar a “Valsa das Pulgas”, da Ruth Rocha.

As prateleiras da Sala de Leitura viraram cenário do poema “O último andar” e brincamos com o poema “Ou Isto ou Aquilo”, ambos da nossa amiga literária, Cecília Meireles.

Os pequenos, que não sabiam ler ainda, foram ensaiados pelos alunos maiores do Fundamental I e do Fundamental II. O espírito da solidariedade e da amizade já estava presente entre nós.

Tudo era divertido, mas nada do que fazíamos era encarado como brincadeira. A primeira experiência levada a público, na nossa escola, foi um Sarau, no mês de junho. O palco parecia estremecer... Eram muitos corações batendo forte, ao mesmo tempo.



E, depois das férias, escolhemos um texto para apresentação no nosso primeiro Chá Literário. Foram tantas leituras e tantas sugestões... O livro escolhido, desta vez, foi a versão de autoria do paraibano Bráulio Tavares – o amigo literário do Gabriel - para a famosa lenda medieval alemã, “O Flautista Misterioso e os Ratos de Hamelin”.

Tudo parecia em ordem, tudo parecia pronto para o início do espetáculo...

– O que poderia ter acontecido, bem naquela hora, o quê? Não me diga que o flautista “amarelou”? Eu não estou vendo o Vinicius!

– Estou bem aqui e a minha flauta também!


– Aghata, o que aconteceu? Fala!

– Um dos ratos saiu correndo... Fez xixi lá atrás do cenário...

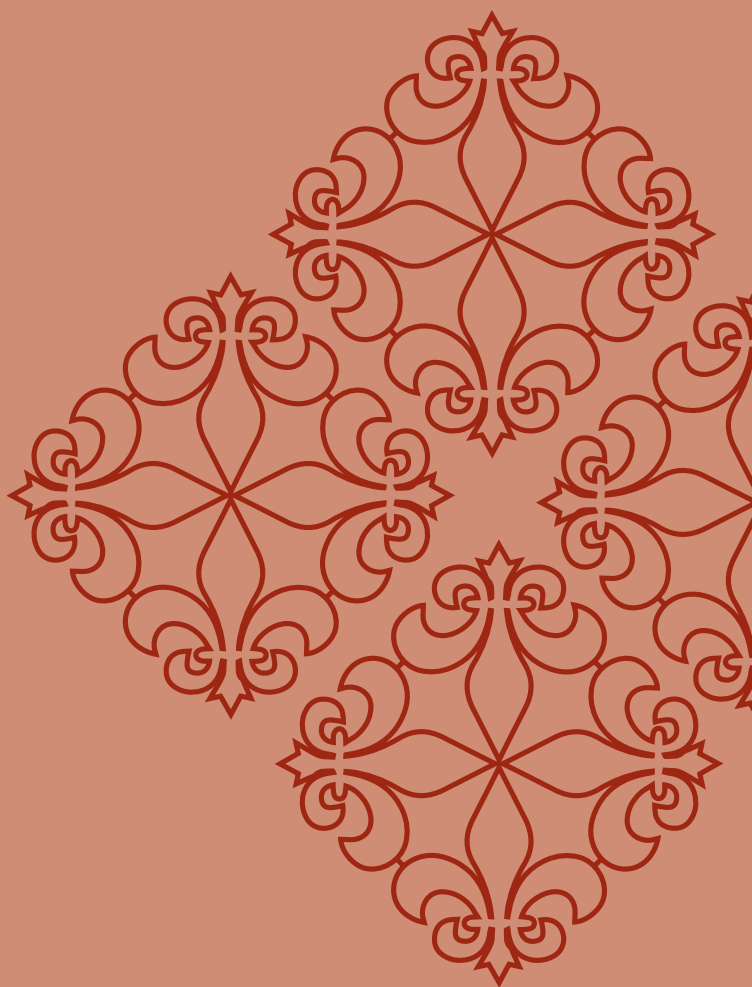
– Ai, meu Deus! A professora vai enfartar! Ela vem vindo aí:

– Meninos, vocês estão falando muito alto! E, então, podemos começar?

A professora abriu um sorriso na mesma hora em que as cortinas se abriram e começou o espetáculo.

O rato fugitivo nunca foi encontrado. Desconfiamos que ele tenha saído da coxia para a plateia, assim como nós saímos do livro para o palco. 





A princesa mal-educada e a AEL

DRE São Mateus

AEL Mauricio de Sousa

EMEF Julio de Grammont

Docentes

Sandra de Melo

Coordenadora de Estudos Literários

Andreia Santana

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Eloisa Rosa de Jesus Pereira (10 anos - 4º ano)

Geovana Beatriz da Silva Souza (12 anos - 6º ano)

Helen Cristina da Silva (12 anos - 6º anos)

Isabelly Santos Reis (12 anos - 6º ano)

Kaua Victor de Moura Floresta (13 anos - 8º ano)

Lucas Gabriel Ferreira da Silva (10 anos - 4º ano)

Nicolly Gomes Vieira da Silva (12 anos - 6º ano)

Rafaela Santos Oliveira (14 anos - 9º ano)

Sabrina Matos Almeida (15 anos - 9º ano)

Simone Julia Dias Pereira (10 anos - 5º ano)

Sara Souza de Jesus Silva (10 anos - 4º ano)

Ana Beatriz Rodrigues do Nascimento (13 anos - 7º ano)

Angela Rosio Llusco Quispe (13 anos - 7º ano)

Claudio Henrique da Silva Nascimento (10 anos - 4º ano)

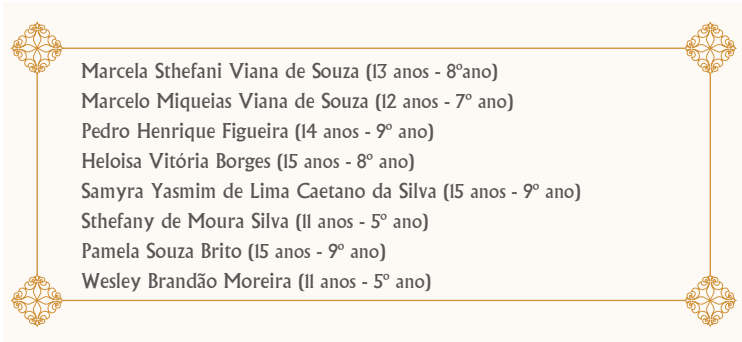
Ilana Rodrigues Moreno (11 anos - 5º ano)

Kauan Pereira de Jesus Correa (14 anos - 8º ano)

Lidia Felix Evangelista Prado (15 anos - 9º ano)

Maria Eduarda Barbosa Ferreira (12 anos - 6º ano)

Mizael Wictor Alves Rodrigues (13 anos - 7º ano)




Marcela Sthefani Viana de Souza (13 anos - 8ºano)
Marcelo Miqueias Viana de Souza (12 anos - 7º ano)
Pedro Henrique Figueira (14 anos - 9º ano)
Heloisa Vitória Borges (15 anos - 8º ano)
Samyra Yasmim de Lima Caetano da Silva (15 anos - 9º ano)
Sthefany de Moura Silva (11 anos - 5º ano)
Pamela Souza Brito (15 anos - 9º ano)
Wesley Brandão Moreira (11 anos - 5º ano)

Fera uma vez uma princesa muito mal-educada, seus pais já não sabiam mais o que fazer para resolver a situação.

Certo dia, seus pais cansados de tanto falar com sua princesa, resolveram que sua filha precisaria se casar, porque só assim ela deixaria de ser uma pessoa ruim. Então, foram atrás de um príncipe, mas não encontravam ninguém que quisesse se casar com a princesinha, pois todos os reinos conheciam sua fama de mal-educada. A rainha teve uma ideia: - Chamaremos um sábio que nos indicará um noivo para nossa filhinha.

O sábio atendeu ao pedido da rainha e veio ao palácio: - Rainha e Rei, tenho a solução para a princesinha: em vez de ela se casar, levem-na para estudar na Academia Estudantil de Letras Mauricio de Sousa. Vocês verão o quanto ela será feliz e o tanto que ela vai aprender com literatura e teatro. Lá as pessoas fazem amigos, aprendem sobre os escritores, postura acadêmica, a falar melhor, se comportar e principalmente a ler livros fantásticos.

O rei e a rainha atenderam ao pedido do sábio e assim levaram a princesinha para a AEL. Ela gostou tanto! Tornou-se uma pessoa melhor e até ajudou a multiplicar a AEL para todo o seu reino. 



Reflexo de uma vida

DRE Capela do Socorro

AEL Maria Vilani

EMEF Frei Damião

Docentes

Roseli Silva de Paula

Coordenadora de Estudos Literários

Marcia Aparecida do Carmo

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Fernanda Lopes Gomes (27 anos - EJA)

Awanny Oliveira Furtado (14 anos - 9ºano)

Giovanna Oliveira Ferro (14 anos - 9ºano)

Carla Cristina Silva (13 anos - 8º ano)

Camila Pessoa Soares (14 anos - 8º ano)

Bruno Henrique Fernandes Fontinele (13 anos - 8º ano)

Beatriz Pereira de Melo (13 anos - 8º ano)

Raíssa Vogel de Souza (14 anos - 8º ano)

Fabrcia Reis Souza (13 anos - 8º ano)

Maryna Dayene Amaral de Almeida (13 anos - 8º ano)

Gabriel Saraiva Monteiro (13 anos - 8º ano)



Júlia Felipe Dias (13 anos - 8º ano)

Juliana Santos Silveira (13 anos - 8º ano)



Leticia dos Santos Lima (13 anos - 8º ano)

Lucas Augusto Rocha Correia (13 anos - 8º ano)

Rayane Balbino do Monte (13 anos - 8º ano)



Vitória Aparecida Lima da Silva (13 anos - 8º ano)
Wellington Nunes de Oliveira (13 anos - 8º ano)
Yngrid Bernardo de Moura (13 anos - 8º ano)
Lanna Lima Gaspar (12 anos - 7º ano)
Luiz Guilherme Medeiros de Lima (10 anos - 4º ano)
Emannuely Mateus de Oliveira (10 anos - 4º ano)
Iris Paula Gomes (10 anos - 4º ano)



Fm um antiquário muito conceituado, trabalhava um senhor chamado Gabriel Saraiva, que perdera toda sua família em um acidente, exceto sua filha mais velha, Abigail, que não se encontrava no carro, no momento fatal. Dedicado, observador, sensível, paciente, amoroso com a família, agora, vivia somente para o trabalho.

Ele, que sempre refletira seu eu interior em seus expressivos olhos negros, não mais tinha o que mostrar.

Percebeu um pequeno detalhe no espelho antigo que seria leiloado, uma pequena mancha na parte superior, bem próximo à moldura, que era do século XVI. Uma verdadeira relíquia, muito aguardada para o leilão, mas comprometida por uma mancha inexplicável.

Surpreso, se pergunta como a mancha aparecera no espelho e ele não havia percebido. A pequena mancha o deixa intrigado e, ao tocar a mancha no espelho, ele começa a ver o reflexo do seu passado, e sente todas



as emoções de sua trajetória de vida, até o dia em que perdeu quase toda sua família.

Gabriel, assustado com essas sensações, entra em choque e decide levar o espelho para casa, para investigar sobre o porquê de o espelho refletir sua história, tão pessoal e íntima, que continha segredos que somente ele sabia.

Sonhando com a chegada do espelho, pesquisou em vários sites específicos, procurando alguma informação sobre ele, e não conseguiu nada a respeito, mesmo tendo certeza de que o objeto era considerado uma relíquia. Impactado com o resultado da pesquisa, aguardou a entrega do espelho, para ver se encontrava mais algum detalhe que o ajudasse em sua pesquisa.

Quando o espelho chegou, sua filha recebeu a entrega. Abigail ficou encantada com o espelho e iniciou uma minuciosa observação, revirou-o completamente, percorreu, delicadamente, a moldura com os dedos e, fixando o olhar na mancha, viu toda a vida de seu pai refletida. Foi invadida, nesse momento, pela culpa que sentia diante da morte da família. Assustada, refugiou-se em seu quarto.

Quando o pai chegou, foi ver o espelho que entregaram e ficou surpreso por encontrar, ainda, a mesma mancha que já tinha conseguido remover, antes, no antiquário.


Então, tentou limpá-la, como da primeira vez, mas a mancha só aumentava, até cobrir totalmente o espelho.



Inconformado com a situação, o homem pesquisou sobre a técnica que estava usando para tirar manchas de espelhos antigos, e tudo indicava que estava agindo da forma correta.

Já não conseguia ver seu passado como acontecera da primeira vez em que se vira refletido no espelho.

E, de repente, ouviu o barulho do espelho, trincando. Observou os pedaços caindo aos seus pés... Em cada um deles, via um flash de sua vida, desde que nasceu. Atraído por uma forte energia para dentro dos cacos do espelho, entregou-se, na ânsia de mudar seu passado e se desligar da realidade à sua volta.

Sua filha, ao ouvir o barulho de vidro se quebrando, corre até a sala em que estava o espelho e encontra os cacos caídos no chão. O olhar de seu pai estava parado. Compreende, finalmente, que ele escolhera viver em um mundo ilusório, no qual não existirá mais nenhum sofrimento. Recolhe os cacos, guarda-os em uma caixa e deixa ali mais uma parte perdida de sua vida. 



A felicidade mora ao lado

DRE Itaquera

AEL Lima Barreto

EMEF Brigadeiro Correia de Mello

Docentes

Rita Caramasqui

Coordenadora de Estudos Literários

Ana Lúcia de Miranda Francisco Silva

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Taissa Juliana Cândido Almeida (10 anos - 6º ano)

Gabriel Oliveira Santos (12 anos - 7º ano)

Raquel de Souza da Silva (12 anos - 7º ano)

Layza Oliveira Bella (14 anos - 9º ano)

Fem uma manhã de outono, sentada em um belo jardim, olhando as folhas caírem como se não mais quisessem florir, a menina observou um movimento estranho que chamou sua atenção. Olhou mais atentamente e descobriu que era um ser que não correspondia ao que conhecemos da espécie humana, mas esta forma não a assustou, pelo contrário.

Em sua cadeira de rodas, a menina aproximou-se vagarosamente da criatura, a observava e lhe devolveu um grande e belo sorriso, que há muito tempo não retribuía a ninguém, já que as pessoas ao seu redor faziam questão de não notá-la.

Aquela figura do jardim era pequena e esquelética, mas com o olhar doce. Percebeu que ela não conseguiria falar, mas não precisava, já que se entendiam apenas por gestos e olhares. Brincavam como se mais nada existisse ao seu redor.

Todos os dias ela ficava esperando o melhor momento de toda a sua existência. As manhãs tornaram-se um arco-íris em sua vida, nada mais importava, só aquele momento em que podia ser completa.

A felicidade era tanta que seu peito até doía, quando pensava que algo de ruim pudesse acontecer.

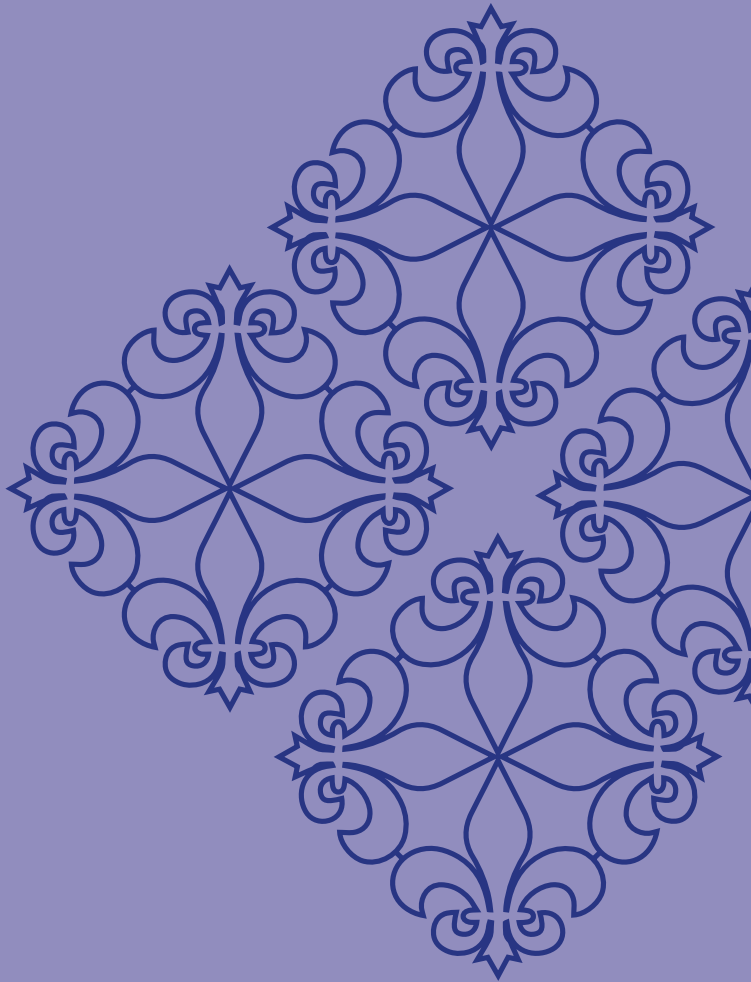
O inverno chegou, e com ele, a doença de Clara se agravou, não podia ir ao jardim, isto fez com que sua tristeza aumentasse, pois sabia que a criatura existia e estaria lá, se não fosse mais, a criatura partiria.



Ela implorou para ir ao jardim, mas nada parecia ter sentido, tudo havia mudado. Até que um dia, sem que a vissem, ela chegou ao jardim e a criatura estava lá, esperando-a, como se quisesse dizer algo, como se estivesse chamando-a para uma viagem.

Ela entendeu que o momento havia chegado. Era o momento mais importante da vida de Clara, todas as angústias e tristezas desapareceram. Só havia doçura, tranquilidade e carinho, como se alguém estivesse acolhendo-a e dizendo o quanto ela era importante e qual era o seu papel neste mundo, já que até este momento ela não sabia. Considerava-se um estorvo para aqueles que estavam ao seu lado.

Partiu, como parte um foguete, como quem tem uma missão a cumprir e que mudara todo o sentido da humanidade. ❁



Romance na escola

DRE Penha

AEL Tatiana Belinky

EMEF Prof.^a Wanny Salgado Rocha

Docentes

Edna Valina Llausas e Juraneide Lima dos Santos

Coordenadoras de Estudos Literários

Juraneide Lima dos Santos

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Adriely da Silva Santos (11 anos - 6º ano)

Leticia Borges da Silva (11 anos - 6º ano)

Maria Eduarda Souza Jardim (12 anos - 6º ano)

Erica Maria dos Santos Lima (11 anos - 6º ano)

Maria Helena Lopes de Sales Silva (11 anos - 6º ano)

Emilly Amanda Santos Martins (12 anos - 6º ano)

Karyne Aparecida Ramos Villares (11 anos - 6º ano)

Giovanna Oliveira Bueno da Silva (11 anos - 6º ano)

Izabelly Rayane Vieira de Araujo (11 anos - 6º ano)

Leticia dos Santos Pedrosa (11 anos - 6º ano)

Natalia Maria Sousa dos Santos (11 anos - 6º ano)

Diego Santos de Lima (11 anos - 6º ano)

Sandro Henrique Lobato Rodrigues (11 anos - 6º ano)


Alisson Matheus de Oliveira Souza (11 anos - 5º ano)

Mirella de Brito Santos Braga (10 anos - 5º ano)

Emily Alves Goto (10 anos - 5º ano)

Yasmin De Lima Rodrigues (10 anos - 5º ano)

Maria Vitoria Faustino Balista (10 anos - 5º ano)

omo toda pré-adolescente, eu me apaixonei na escola, mas não foi por um menino ou menina não, foi por um projeto.

Eu tinha uma professora que vivia falando dele, que ele era muito legal, que ele envolvia muito as pessoas que dele se aproximavam.

Cada vez que eu a ouvia falar dele, ia me dando uma vontade louca de conhecê-lo. Aí então, falei pra minha mãe e ela me sugeriu que eu buscasse mais informações antes de mergulhar de cabeça nessa paixão. Era melhor conhecer bem antes de “namorá-lo”.

Comecei a minha investigação. Que melhor forma há de conhecer algo do que conversar com as pessoas que já o conhecem? Foi assim que decidi perguntar dele para minhas amigas e amigos. A primeira pessoa para quem perguntei foi para a Letícia, do 6º ano B, e foi assim que ela me descreveu seu encontro com ele: “Eu me considerava uma pessoa que lia muito mal, gaguejava mais que uma vaca bebendo leite. Fui incentivada pela minha mãe a ler um livro, mas demorei muito para terminá-lo. A partir daí, comecei a querer ler melhor e, então, eu me inscrevi para participar de seus encontros”.

A segunda pessoa com quem conversei foi a Giovanna, do 6º ano A, que se lembrou de quando fez sua primeira apresentação teatral, em 2016. Estava no 4º ano, disse que foi paixão à primeira vista. Em 2017, ela não pôde participar e me disse que sentiu muita falta dele.



Fui ficando muito intrigada com tantas informações boas. Será que ninguém viu defeito nele? E decidi conversar com a Natália, do 6º ano B. Ela me disse que já o conhecia desde 2014, quando estava no 2º ano, e o fato que mais a marcou foi um passeio, onde assistiu a várias apresentações teatrais, inclusive a do Mágico de Oz. Ela me disse, também, que tem muitos planos para este ano, que através dele ela conheceu a sua amiga literária, Cecília Meireles, e que pretende estudar tudo sobre ela e seus livros.

Depois de todas essas informações, comecei a achar que isso era meio coisa de menina, gostar de tudo, ou que, talvez, elas estivessem tentando me encantar com tantas coisas boas. Resolvi perguntar para um menino, falei com o Sandro, do 6º ano C, e para minha grande surpresa, ele disse se recordar da primeira história lida pela professora em um dos seus primeiros encontros e que traz consigo esta lição de vida, por fazer ligação com a sua realidade de criança. A mesma coisa que a minha amiga Emilly, do 6º ano A, havia me falado, descrevendo detalhes de sua espera para o primeiro encontro com ele e do primeiro poema que leu por intermédio desses encontros. Essas foram as primeiras palavrinhas que conseguiu ler “as borboletas brancas, amarelas e pretas”, inspiração que a fez se apaixonar por ele e pelas descobertas que fizera ao ler cada vez mais.


Minha ansiedade foi aumentando a cada conversa. Imaginei que talvez tivesse sido bom, mas será que continua apaixonante, da mesma forma?

Curiosidade me sufocando, com as bochechas vermelhas, sentia-me tonta, tomada por um desejo,



atração, inquietação... sequer consegui terminar o lanche sem ser notada, minhas amigas Adrielly e Letícia, do 6º ano A, vieram falar comigo: “Que cara é essa menina? Que bicho tu viu?” Respondi: “A mesma cara de sempre, ué... Só estou pensativa... Curiosa com um projeto aí, do qual ouvi falar tantas coisas boas!” Envergonhada, cochichei em seus ouvidos o nome dele. Para o meu espanto, disseram que estavam envolvidas nos tais encontros que já tinham começado no início do ano. Elas também me disseram que, inicialmente, não haviam se simpatizado, acharam ele chato, formal demais, mas atraente, porque lhes causavam certas mudanças: acostumaram logo e já percebem diferenças em suas posturas, jeito de falar, interpretar e de descobrir o mundo.

Já era hora de retornar à sala de aula, estávamos atrasadas e, como diz o ditado: “a curiosidade matou o gato”. Atraímos para nossa conversa a Karine Aparecida, que confessou estar apaixonada por ele também e pela oportunidade que ele lhe proporcionou de conhecer diversos espaços culturais.

Eu já tinha muitas informações na minha cabeça e elas me ajudaram a tomar a decisão, precisava conhecê-lo pessoalmente, para formar minha própria opinião e foi aí que tive meu primeiro encontro com ele. Realmente era fabuloso, vários meninos e meninas da minha escola estavam lá e minha antiga professora também. Descobri o significado de seu nome AEL - “Academia Estudantil de Letras” e estou vivenciando agora esta ardente e envolvente paixão. 





Acontecimentos estranhos na escola



DRE Butantã

AEL Monteiro Lobato

EMEF DR. José Dias da Silveira

Docentes

Alline Soter Lacerda e Regiane Ruschel

Coordenadoras de Estudos Literários

Teodora Maciel

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Lucca Anjos (10 anos - 5º ano)

Camilly Vitoria Rocha dos Santos (10 anos - 5º ano)

João Vitor Fernandes da Silva (9 anos - 4º ano)

Julia Alvarez Santos (10 anos - 5º ano)

Julia Zambotti Damiani (9 anos - 4º ano)

Matheus Santos de Oliveira (10 anos - 5º ano)

Anne Ketlin Correa (13 anos - 8º ano)

Gabriela Correia de Souza (10 anos - 5º ano)

Sarah Lima Mendes (10 anos - 5º ano)

Samuel Silva Santos (10 anos - 5º ano)

Ana Luisa Alves de Abreu (9 anos - 4º ano)



... sinal bateu. Todo mundo se levantou e começou a sair. Então, eu me dei conta de que não tinha copiado a lição de casa. Peguei o caderno, correndo, pois a atividade valia nota.

- Pronto! Terminei!

Juntei o material, a mochila, e saí pelo corredor. Silêncio! Muito silêncio! Não tinha mais ninguém. Olhei para trás, no final do corredor, a luz se apagou. Andei mais depressa. Senti um calafrio, percorrendo o meu corpo. Uma a uma, as luzes continuavam se apagando. O corredor ficou todo escuro. Só havia luz em uma sala. Cheguei à porta, com cuidado, e ouvi um barulho. Parecia um lamento.

- Que alívio! – sussurrei. Tem mais alguém na escola.

Entrei, olhei e não vi ninguém. Novamente, o barulho no fundo da sala. Rapidamente me virei e então vi aquele pôster de palhaço, com os olhos fixos em mim. Não aguentei. Fechei os meus olhos e com toda força que ainda me restava, gritei. Gritei bem alto.

Quando abri os olhos, ao meu lado estava o zelador, com um ponto de interrogação no rosto. E eu só conseguia murmurar:

- O barulho! O barulho! 



O baú mágico

DRE Freguesia do Ó/Brasilândia

AEL Graciliano Ramos

EMEF Professora Cecília Moraes de Vasconcelos

Docentes

Lucineide Vieira da Silva e Gabriella Vilaça Costa
Coordenadoras de Estudos Literários

Egle Anny dos Santos e Gabriella Vilaça Costa
Coordenadoras das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Adryan Alves Silva (10 anos - 5º ano)

Ágatha Taís Santana dos Santos (10 anos - 5º ano)

Allan dos Santos (9 anos - 4º ano)

Analice Conceição dos Santos (10 anos - 5º ano)

Breno Oliveira Galvão (10 anos - 5º ano)

Deyse Kelly da Silva Ferreira (12 anos - 6º ano)

Ester Beatriz Ferreira Oliveira (15 anos - 9º ano)

Gabriel Ferreira de Souza (10 anos - 5º ano)

Gabrielly Santos de Araújo (10 anos - 5º ano)

Guilherme Marcelino da Silva (12 anos - 6º ano)



Gustavo da Silva Oliveira (10 anos - 5º ano)

Gustavo Rolon da Silva (10 anos - 5º ano)



Gustavo Santos Siqueira (10 anos - 5º ano)


Herlany Matos Pinheiro de Sousa (13 anos - 7º ano)

Iago Alves Santos (12 anos - 6º ano)



Julia Santos de Oliveira (9anos - 4º ano)
Késia Camili de Faria Silva (9anos - 4º ano)
Kethelyn Julia Gomes Rosa (14anos - 8º ano)
Luiz Felipe da Silva Santos (10 anos - 5º ano)
Luiz Henrik de Faria Silva (15 anos - 9º ano)
Maryane de Araújo Sousa (10 anos - 5º ano)
Maysa Soares Santos (14 anos - 8º ano)
Mirella Fernandes Rodrigues Amorim (10 anos - 5º ano)
Nicolas Costa Carvalho (10 anos - 5º ano)
Nicolas Henrique Alves dos Santos (10 anos - 5º ano)
Nicolas Martins de Oliveira (12 anos - 6º ano)
Otávio Augusto Alfenas de Jesus (11 anos - 5º ano)
Tamara Conrado Bonfim da Silva (10 anos - 5º ano)
Thauany Galdino dos Santos (14 anos - 8º ano)
Thifhany Eduarda de Menezes Evangelista (10 anos - 5º ano)
Vitória Vieira Nunes (12 anos - 6º ano)



um lugar distante, havia uma cidade muito bonita onde tudo era possível! Nessa cidade, todas as pessoas eram amigas e educadas umas com as outras, exceto uma velhinha que morava sozinha numa casa com aparência de assombrada. A senhora era chamada de chata porque não conversava com os vizinhos. Lá, vivia também uma menina que se chamava Lívia, que adorava conversar com todos os moradores, inclusive, com a velhinha.

Lívia morava com seus pais e com seu irmão Henrique, de sete anos, em uma casa colorida. Toda a família amava ler histórias fantásticas e assustadoras.

Os pais de Lívia não queriam que ela conversasse com a velhinha, porque ela era estranha, e por saberem



de sua fama de não acreditar no amor e na solidariedade. Porém, Lívia enxergava bondade onde todos viam desca-so e tinha certeza de que aquela pobre senhorinha tinha bons sentimentos e que, por trás daquela cara amarrada, tinha um sorriso querendo desabrochar, precisava ape-nas receber carinho. Por isso, ela insistia em falar com a velhinha solitária. A menina também começou a des-confiar que a velha escondia algo e que, talvez por isso, não fizesse amizade com os vizinhos. Essa ideia fez Lí-via ficar curiosa e sentir muita vontade de mexer nas coisas da vizinha.

Numa tarde, quando a menina estava lendo para seu irmãozinho Henrique um conto de terror, que era uma de suas histórias favoritas, começou a ouvir um barulhinho... depois um barulhão e este barulho foi ficando cada vez mais forte. Os dois pararam para ou- vir e identificaram que os ruídos fortes vinham de den- tro da garagem. Muito curiosa, a menina deixou o livro de lado, ligou a TV para entreter Henrique, deixou-o sozinho na sala e foi investigar o que estava acontecen- do na garagem.

Quando chegou à garagem, na casa de seus pais, ficou muito assustada porque o barulho aumentou mui- to e parecia que saía do fundo de um baú abandonado pelos antigos moradores. Ela ficou assustada, mas não correu nem chamou ajuda, pois adorava aventuras e este tipo de susto lhe dava uma energia para enfrentar qual- quer situação. Pensou um pouco, respirou fundo e deci- diu que iria se aproximar do baú e investigá-lo, para des- cobrir de qual parte dele viria o tal barulho. Com muito



cuidado, foi chegando perto, bem devagar, e constatou que o som saía do lado de dentro do baú. Então, tentou abri-lo, mas não conseguiu.

Coincidência ou não, a velhinha estava passando em frente à casa de Livia naquele exato momento e também ouviu ruídos. Apesar de não gostar de envolver-se, sabia que as crianças estavam sozinhas em casa. Então, tocou a campainha. Ao ouvir o som da campainha, a menina até pulou de susto e ficou ainda mais assustada, quando foi abrir a porta, e se deparou com a vizinha esquisita.

A senhora, com a expressão mais natural do mundo, perguntou o que estava acontecendo e pediu para entrar na garagem. Livia, meio paralisada com tantos acontecimentos estranhos, nem pensou muito e a deixou entrar. Juntas, foram até garagem. Lá, ela explicou à senhora que o som parecia vir de um baú. A senhora ficou atenta e concordou com a menina com relação à localização do som, e então, as duas decidiram abrir o baú. Ao abri-lo, de uma forma mágica, as coisas começaram a ganhar vida e as duas ficaram tão espantadas que rapidamente correram e o fecharam. Após fecharem o baú mágico, a velhinha começou a chorar muito e Livia, sem entender nada, perguntou porque ela estava chorando. E a velhinha, entre soluços, respondeu:

– Muitos anos atrás, quando eu era criança igual a você, um homem estranho entregou um baú igualzinho a este para meus pais. Os dois o abriram por curiosidade e foram puxados para dentro. Na hora tentei



salvá-los e não consegui, pedi ajuda a todos os vizinhos e nenhum acreditou que meus pais tinham sido levados por um baú mágico.

A senhora voltou a chorar com a lembrança triste de sua infância. E, por fim, falou:

— É por esse motivo que eu nunca mais encontrei minha família e minha vida ficou triste e sem sentido, porque cresci sem meus pais ...

Ao ouvir o relato, a menina ficou bem triste, mas também curiosa para desvendar esse mistério e, quem sabe, poder ajudar a velhinha a ser feliz.

No dia seguinte, Livia contou para seus dois amigos da escola toda história da vizinha e do baú mágico. Eles ficaram bem curiosos para saber o que tinha naquele baú e, após a aula, foram para a casa dela. Chegando na casa da amiga, todos correram direto para a garagem e, cheios de coragem, foram logo abrir o baú.

E quando o grupo de aventureiros conseguiu abrir, tomaram um enorme susto, pois o baú cuspiu para fora um pirata e um dragão. As crianças esconderam-se cada uma em um canto diferente da garagem e os seres encantados fugiram porta afora.

Quando tudo ficou calmo, Livia percebeu que, perto do baú, tinha um envelope com uma carta que dizia: “Cuidado, vocês acabaram de libertar um dragão verde muito apaixonado e solitário, que deseja muito encontrar seu par ideal que é uma dragoa rosa e um pirata que vive buscando um tesouro perdido dentro de uma sacola amarela. Agora, vocês terão que colocá-los de volta no



baú antes do pôr do sol, senão sua cidade será invadida e destruída por todos os vilões dos livros de terror. P.S.: se conseguirem devolver os seres ao baú mágico, como recompensa, receberão um casal de humanos que não queremos mais”.

Lívia e seus amigos arregalaram os olhos e ficaram tão assustados que até tinham medo de respirar. Quando começaram a ficar desesperados e muito preocupados com o destino da cidade, Lívia teve a ideia de ir até a casa da velhinha para pedir ajuda e procurar por pistas sobre o misterioso baú.

Chegando lá, perceberam que ela estava no jardim cuidando de suas rosas. Sem pedir autorização, entraram na casa e viram muitos livros antigos. Começaram a procurar pela estante, em uma prateleira com uma etiqueta escrita: Livros raros de encantos e magias. Lívia puxou um e, adivinhem só!! Uma porta secreta abriu-se no meio da parede da sala, fazendo um barulho que chamou a atenção da dona da casa.

Quando perceberam que a velhinha já estava entrando na casa, eles correram e se esconderam dentro da sala secreta. A senhora, ao entrar em casa, percebeu que seus livros estavam revirados e que o livro que servia como chave da sala secreta havia sumido. Além disso, ouviu passos e sussurros, vindos da sala secreta. Então falou, com voz de susto:

– Quem está aí?

E o silêncio continuou. E ela repetiu, agora, brava:

– Quem está aí, na minha sala secreta? Saiam agora...



Imediatamente, as crianças saíram, tremendo de medo e falaram, gaguejando:

– So...so...somos nós! Precisamos de sua ajuda. Hoje, sem querer, mexemos no baú e ele soltou um dragão verde apaixonado, um pirata que busca tesouros perdidos e uma carta que diz que precisamos devolvê-los até o pôr do sol.

A velhinha, pensativa e muito séria, olhou para eles e falou, pausadamente:

– Não tenho tempo para travessuras de crianças.

Lívia e seus amigos imploraram:

– Por favor, por favor, por favor...

– O que ganharei em troca por ajudá-los? - disse a velhinha.

Lívia explicou a mensagem final da carta, aquela que falava de um casal de humanos, despertando o interesse imediato da velhinha, que começou a procurar rapidamente um livro de magias e mistérios.


Ao ler e reler o livro de magias, eles pensaram num plano espetacular para levar de volta ao mundo encantado os seres mágicos. E, quem sabe, resgatar o casal de humanos capturados pelo baú.

Após pensarem juntos, criaram suas armadilhas para caçar seres encantados, voltaram para a garagem de Lívia, colocaram uma sacola amarela, aberta, cheia de joias, moedas e coisas brilhantes; do outro lado colocaram um espelho e muitas luzes ao redor. Horas depois, o brilho do tesouro falso conseguiu atrair o pirata; ele



apareceu e, quando tentava pegar as joias e segurar a sacola amarela, as crianças acenderam as luzes - o que confundiu o pirata - e, assim, ele caiu dentro do baú.

O baú ficou um pouco aberto e cuspiu um homem que, imediatamente, foi identificado pela velhinha como seu pai. Então, seguiram com o plano de capturar o dragão, usando um grande balão, com uma dragoa rosa. E foi um sucesso, pois, ao ver o balão, ele se encantou e voou em direção ao baú e, sem perceber, foi puxado, quando o baú cuspiu mais um ser humano, que era a mãe da senhorinha, que correu, para abraçar os pais. Durante o abraço, uma luz mágica envolveu os três, e quando a luz se apagou, a velhinha havia deixado de ser velha e se transformou numa linda criança.

Todos ficaram impressionados com a magia que fez a velhinha voltar a ser criança. Os amigos começaram a gritar de felicidade por terem salvado a cidade dos seres encantados e por terem dado de volta à menina o maior de todos os tesouros do mundo... que é ter uma família. 



Na calada da noite

DRE São Miguel Paulista

AEL Sergio Vaz

EMEF José Honório Rodrigues

Docentes

Virlene Oliveira da Silva

Coordenadora de Estudos Literários

Fernanda Hilário

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmica

Samira Kelly Carvalho Mbwana (10 anos - 5º ano)

Há muito tempo atrás, uma família mudou-se para uma casa, onde todos que moraram ali, até então, não haviam ficado por muito tempo.

Certa noite, Sofia, uma garotinha, nova moradora da casa, estava deitada e avistou dois homenzinhos, de terno e de chapéu coco, os quais rodearam sua cama por um bom tempo, pararam por alguns segundos, e foram embora. Um deles colocou seu pé em uma parede, onde deixou uma marca. Esse fato passou a se repetir, diariamente, naquela casa.

Um dia, a menina, já muito assustada, relatou o que estava acontecendo para sua mãe, mas, infelizmente, ela não acreditou. A menina, então, insistiu tanto, que a mãe acabou por lhe dizer que iria ficar acordada até tarde, para ver os tais “homenzinhos de chapéu”, que a menina tanto falava. A mãe de Sofia ficou acordada por horas e nada acontecia. Até que as duas acabaram pegando no sono. Depois de algumas noites sem aparecer, os homenzinhos voltaram. A menina se assustou e tentou acordar sua mãe, que dormia profundamente. A tentativa foi em vão, pois, mais uma vez, aquelas criaturas misteriosas sumiram, como num passe de mágica, para desespero de Sofia, que já estava inconformada:

– Não acredito! Nunca vou conseguir te mostrar o que vejo, deve achar que estou louca, não é? – disse Sofia para sua mãe.

– Não, minha filha, não se preocupe! Foi apenas mais um dos seus sonhos. – respondeu a mãe, envolvendo a filha em seus braços, para tranquilizá-la.



O dia amanheceu e, após muito tempo, Sofia teve uma ideia:

– Vou descobrir eu mesma o que acontece nessa casa!

Quando anoiteceu, Sofia avisou a sua mãe de que já podia dormir sozinha, que aquilo era somente um sonho, e que não sentia mais medo algum. Sua mãe concordou. Na noite seguinte, no meio da madrugada, os homens de chapéu haviam voltado. Sofia tomou coragem, sentou-se na beira da cama e tentou fazer contato:

– Olá! Não vão embora. Digam-me: o que fazem aqui?

De repente, os rostos daquelas criaturas – que antes apareciam como sombras – começaram a ficar nítidos. Olhavam para Sofia fixamente, mas seus olhares eram de medo. Sofia ficou surpresa. Eram dois anões. Pareciam ser gêmeos. Sofia insistiu:

– O que fazem aqui, todas as noites?

Um deles tomou coragem e respondeu:

– Estamos perdidos nesta casa. Nossa mãe tinha vergonha de nós porque somos anões, manteve-nos presos ali no porão por anos, sem comida nem água. Conseguimos escapar do porão há pouco tempo e todas as noites tentamos sair dessa casa, para procurá-la, mas não somos capazes de sair. Não entendemos o porquê. Pode nos ajudar?

Antes mesmo de Sofia responder, os dois seguiram rapidamente até a porta, na tentativa de sair da casa, mais uma vez. Mas, infelizmente, não tiveram sucesso.



Sofia, intrigada, resolveu investigar esse mistério. Ao amanhecer o dia, ela foi checar todas as saídas, muros e portões de sua casa. Ficava se perguntando:

– O que há de errado? Por que será que aqueles anões não conseguem sair?

Ao olhar para a rua, percebeu uma senhora, já idosa, sentada na calçada, observando a casa. Sofia se assustou e entrou rapidamente.

Alguns dias se passaram e, todas as noites, Sofia tentava ajudar os anões. Todas as tentativas não tiveram sucesso. Parecia haver uma barreira invisível em volta de sua casa.

Algum tempo depois, em um dia chuvoso, a campainha tocou. Sofia estava sozinha, por isso só abriu a janela. Para seu espanto, era a mesma senhora que estava observando sua casa, no outro dia:

– Por favor, minha filha, preciso entrar nesta casa... Por favor!

Sofia, sem entender nada, ignorou e fechou a janela rapidamente.

Nesse momento, sua mãe chegava e, devido à chuva, permitiu que aquela senhora entrasse. Ofereceu-lhe toalhas, para que se secasse, e uma xícara de chá. Aquela senhora, que se apresentou como Tereza, parecia não se importar em estar molhada, apenas observava todos os cantos da casa. Com lágrimas nos olhos, perguntou:

– Posso ver as acomodações? Já morei aqui, gostaria de ver se mudou muita coisa, pois tenho saudades.



– Claro! Fique à vontade! – respondeu a mãe de Sofia, pedindo que a filha a acompanhasse.

Quando Tereza vê a entrada do porão, olha para Sofia, e pergunta:

– O que vocês guardam lá?

– Não sei! Na verdade, nunca entrei. – respondeu a menina, já desconfiada. – Quer entrar?

Tereza se esquivava, e responde:

– Não! Eu não suportaria. Sabe, garota, já fui uma mulher muito ruim, desumana e que só pensava em mim. Hoje, me arrependo de muitas coisas que fiz. Sei que não tem como voltar atrás, por isso vivo na solidão.

Sofia perguntou:

– Entendo. Mas, o que tem a ver entrar ou não aí?

Sem responder à pergunta de Sofia, Tereza simplesmente pede para ir embora. A mãe de Sofia, sem entender, pergunta por que a menina maltratou aquela senhora.

Chateada com a desconfiança da mãe, implora para que entre naquele porão.

– Com prazer, menina malcriada! Eu devia era te deixar lá dentro, de castigo, depois!

Ao entrarem, vasculharam algumas caixas e baús cobertos de poeira.

– Que estranho! Por que essas coisas ainda estão aqui? – perguntou a mãe.



– Eu sabia que tinha algo errado! Essas coisas, com certeza, são daquela mulher! – exclamou Sofia, pensando logo no que os anões tinham dito.

Ao abrirem a porta de um armário muito antigo, as duas, com os olhos arregalados, não acreditaram no que viram: dois esqueletos, envolvidos em ternos e com chapéus na cabeça. Tinham baixa estatura.


Sofia contou toda a história dos anões para a mãe que, rapidamente, acionou a polícia. Os corpos foram retirados, e teve início a investigação. Tereza foi localizada e confessou o crime.

Na noite seguinte, Sofia dormiu tranquilamente. De repente, assustou-se com um clarão em seu quarto. Os anões estavam parados à sua frente, sorrindo. Um deles disse:

– Finalmente conseguimos sair desta casa. Sei que você nos ajudou. Obrigado! Adeus, Sofia!

Antes que a menina conseguisse dizer algo, os dois se afastaram e o clarão foi diminuindo até desaparecer.

No dia seguinte, Sofia acordou com a sensação de que algo havia acontecido, mas não conseguia se lembrar de nada.

Teria sido somente um sonho? É o que se pergunta todos os dias... 



Era uma vez...

DRE Campo Limpo

AEL Ziraldo

EMEF Prof. Levy de Azevedo Sodré

Docentes

Sonia Aparecida Augusta Rodrigues Costa

Coordenadora de Estudos Literários

Jéssica Alves Benedito

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Isabella de Araújo Nobre (12 anos - 7º ano)

Joice Cardoso da Cruz (12 anos - 7º ano)

Thainá Santos Oliveira (14 anos - 9º ano)

Yasmin Prazeres Casavia (12 anos - 7º ano)

Lorraine Natasha Silva Pereira (11 anos - 6º ano)

Henry Nunes de Moura (12 anos - 7º ano)

Gabriel Santos Sales (12 anos - 7º ano)

– **F**ra uma vez...

– Ei, Jacob, não era eu que iria contar a história?

– Mas quem contou da última vez foi você, William!

– Está bem, está bem! Comece logo essa história!

– Num belo dia, as crianças estavam lendo...

– Espere, a história não é bem assim! Na verdade essas crianças estavam conversando sobre livros, quando uma delas disse que queria ser uma grande escritora como nós, os Irmãos Grimm, pois nos acha muito bons e poderíamos ser seus inspiradores. Quem sabe, dessa inspiração possam ser criados novos contos, romances, poesias e grandes personagens imortais, como os nossos.

As crianças, com o tempo, decidiram escrever um livro juntas, onde aparecessem seus imaginados personagens. Até que, de repente, ouve-se um grande barulho, acompanhado de um clarão saindo da porta. Surgem umas estranhas criaturas, entre elas, uma com uma panela na cabeça, atordoada:

– Ué, onde estou? Aqui é minha casa?

– Maluquinho, será que minhas coelhadas foram tão fortes que abriram um portal para esse mundo?

– Aqui é meu sítio? Cadê as árvores cheias de frutos? Narizinho, Pedrinho, Visconde, cadê vocês?- disse uma criatura com cara de gente, mas que não era



gente – É, esse lugar é bem estranho. Vamos dar uma espiada, mas com muito cuidado. Vai saber se não foi a Cuca que fez essa bruxaria pra gente!

– Vamos lá! Um lugar novo, novas aventuras!

Nem imaginavam que uma grande armadilha os esperava.

A Emília, aquela que parece gente, mas não é, foi à frente e, assim que chegaram à rua, ela já foi entrando num cinema e, nos cartazes, se depararam com um filme onde eles apareciam. Escandalosamente, foram gritando:

– Olha a gente lá!

– Como assim, como fomos parar lá?

Sem respostas, continuaram a andar e pararam numa livraria, quando se depararam com uns livros onde também apareciam.

Novamente, aquela que parece gente, mas não é, juntamente com o que tinha a panela na cabeça, conhecido como Maluquinho, começaram a gritar, chamando todos para lerem suas histórias. Então, uma grande bagunça começou, com personagens aparecendo de todos os lados e procurando coisas e pessoas. Cinderela, procurando seu sapatinho de cristal, Branca de Neve, com um prato de sopa nas mãos, gritando pelos Sete Anões. Um tal de Cebolinha com um caderninho para o amigo Cascão que tinha um novo plano infalível. Nisso, a Mônica que estava com o grupo, já saiu correndo atrás dele



e do amigo que apareceu junto dele que também corria até tropeçar no porquinho Chovinista. Apareceu também uma Professora Maluquinha dizendo que precisava ensinar uma brincadeira nova para os seus alunos e saiu esbaforida fazendo a chamada dos seus nomes. A nossa Chapeuzinho Vermelho, comendo docinhos da Tia Anastácia, conversava com o Menino Marrom e o Menino Cor de Rosa, que demonstravam a grande amizade que tinham. O Pequeno Polegar procurava pela família, até que a Bruxinha Zuzu o interrompeu para mostrar-lhe sua nova tirinha. Isso sem contar quando apareceram uns tais “Bichos que tive” que eram bichos que não acabavam mais...

Tudo ia acontecendo muito rápido e numa confusão sem fim. Até que, de repente, surge uma figura muito estranha, ou melhor, estranhíssima. Seu nome era Cuca e, como se esperava, era muita malvada. Então, aprisionou todos esses personagens em sua caverna, que surgiu sabe-se lá de onde.

– Há, há, há! Se eu não posso ter fama, vocês também não terão!

– Socorro, socorro! - gritaram todos, em coro.

A Mônica, menina forte como ninguém, o Cebolinha, o Menino Maluquinho e a Emília, aquela que parece gente, mas não é, estavam escondidinhos bolando um plano para escapar.




Cebolinha escrevendo em seu caderninho, já foi dizendo:

– Esse plano selá infalível! Vamos plecisar da folça da baixinha e golducha e...

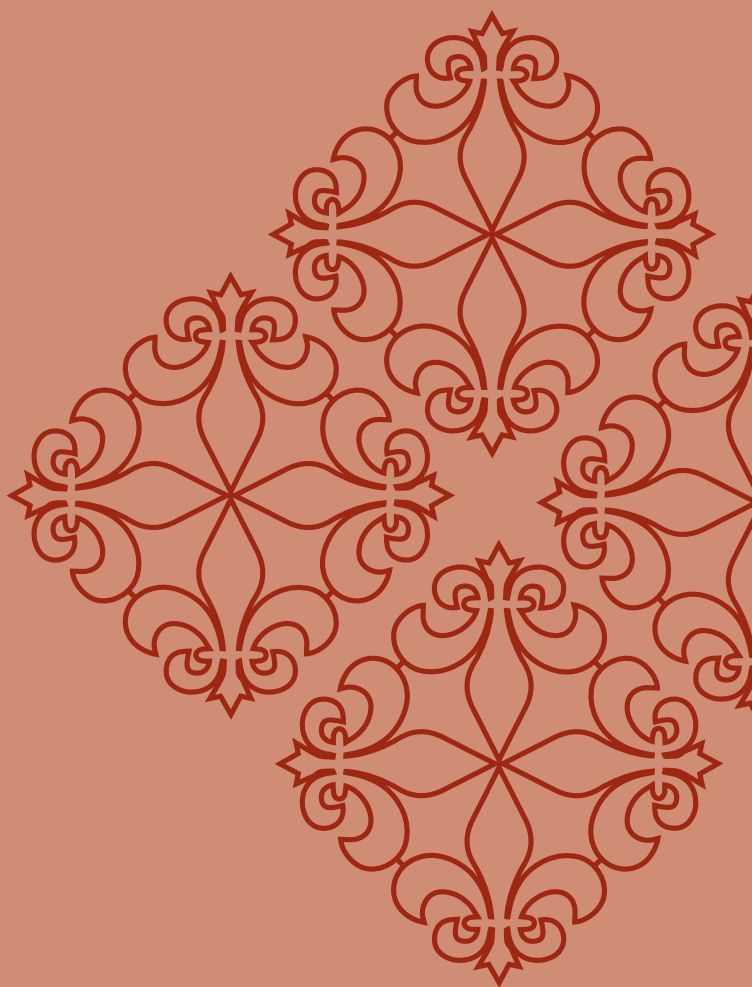
Mal terminou de falar, a Mônica deu-lhe uma coelhada com o famoso Sansão que foi o suficiente para destruir metade da caverna da Cuca.

– A minha caverna! Eu vou pegar todos vocês! - gritou a invejosa Cuca, enquanto girava para todo lado tentando agarrar qualquer um.

– Você não vai pegar ninguém que eu já te conheço, sua Cuca horrorosa!

Dizendo isso, Emília, a que parece gente, mas não é, agarrou, por trás, no cabelo da Cuca, para atrás e ficaram ali, girando e girando, naquele espaço que tinha ficado pequeno pra tanta confusão. Enquanto isso, os outros personagens todos escaparam um a um, voltando para seus livros. Por último, foi a que parece gente, mas não é. Só restou a Cuca que, de tanto girar, ficou tão tonta que até hoje não conseguiu encontrar o caminho de volta para o seu livro e continua perdida por esse mundo. 





Meu lugar

DRE Itaquera

AEL Walcyr Carrasco

EMEF Danylo José Fernandes

Docentes

Vanessa do Nascimento Vicentini

Guilherme Cunha de Carvalho

Gicélia Ferreira de Souza

Coordenadores de Estudos Literários

Vanessa do Nascimento Vicentini

Gicélia Ferreira de Souza

Coordenadoras das Atividades de Teatro

Acadêmicas

Ana Carolina Vieira Duarte (15 anos - 9º ano)

Andressa Santos Monteiro (15 anos - 9º ano)

Karen Lopes Lima (14 anos - 9º ano)

Nicole Pereira Luz (14 anos - 9º ano)

Grazielle de Queiroz Macedo (12 anos - 7º ano)

Maria Fernanda da Silva Reis (14 anos - 9º ano)

Camilly Leandro Lorena (14 anos - 9º ano)

Gabriela Vitória da Silva (14 anos - 9º ano)

Hadja Stephany Marques Gonzaga (14 anos - 9º ano)

Uma moça e um rapaz. Ela, rebelde, apesar de muito controlada pelos pais, quase bipolar, ruiva, cabelos cacheados, olhos grandes, estatura baixa, rosto delicado. Ele, audacioso, bastante dedicado aos estudos – um nerd –, cabelo estilo Black Power, olhos atentos cor de mel.

Lara morava na Aventura, Fábio morava na Timidez.

Na cidade de Lara, a Aventura, não faltava espaço, nem gente. Não faltavam festas e adrenalina. Cidade iluminada, cheia de abismos, cachoeiras, florestas, montanhas e cavernas. Já Fábio morava em um lugar em que havia pouca luz, sua casa, inclusive, tinha um estilo vintage, sem muitas cores, era silenciosa, ficava em Timidez.

A rotina alcançou a casa ampla de Lara e o espaço fechado de Fábio. A rotina é uma casa chata e ninguém quer morar nela. Assim, Lara e Fábio decidem partir em busca de um novo lar, os dois escolhem seu novo endereço: a Novidade.

Novidade é uma cidade cheia, alegre e reluzente, em que a esperança aparece na porta. Lá, a cada dia, móveis novos aparecem nas casas, novos sentimentos são criados, não tem marasmo.

Lara chegou à cidade nova e já teve seus cabelos cortados, aumentou 10 centímetros, suas botas e macacão foram trocados por tênis casual e um lindo vestido florido. Olhou ao redor, fora recebida por pessoas que, apesar de estranhas, mostraram-se muito receptivas. Era uma gente diferente.

Fábio, ao contrário de Lara, batera na porta da Novidade, afinal, vinha da Timidez. Esperou que abrissem. Abriram-se as janelas e convidaram-no a entrar. Haveria



ainda maior novidade do que entrar em uma cidade pela janela? Sim! Fábio levou o maior susto de sua vida: fogos de artifício e flashes foram lançados para recebê-lo. Logo ele que viera da Timidez. Era uma celebridade agora.

Muito assustado, subiu correndo as escadas da pousada em que iria morar e entrou na primeira porta que avistou, uma sala de espelhos, lá também estava Lara, surpresa ao ver revelado, nos espelhos, diversos lados de sua personalidade. Esbarraram-se, mas não sabiam para onde olhar, pois em cada espelho era refletida uma face de suas personalidades. Fábio viu, refletido em um dos espelhos, sua face extrovertida e espantou-se, mas gostou do que viu. Lara deparou-se com uma personalidade medrosa em um dos espelhos e uma preocupação tomou conta da garota: e se isso viesse à tona, logo ela, sempre corajosa e aventureira, teria suas fragilidades escancaradas. Em meio a revelações e reflexões, Fábio e Lara fixaram os olhos em um mesmo espelho, no qual o reflexo de suas personalidades coincidia, duas pessoas aparentemente tão diferentes tinham um mesmo desejo: Liberdade.

Uma curiosidade enorme tomou conta dos dois, os olhos inquietos de Fábio fixaram-se nos olhos grandes de Lara. Tinham mais em comum do que imaginavam.

O silêncio dos olhares foi quebrado por uma pergunta de Lara:

– Do quê deseja ser livre?

Fábio, gaguejando um pouco, respondeu:

– De mim mesmo, da minha prisão interior, das minhas fraquezas. E você, que liberdade procura?



– De uma superproteção que vem de fora, de uma falsa sensação de liberdade que me prende mais do que qualquer corrente, respondeu Lara.

Quando resolveram deixar suas antigas casas, Aventura e Timidez, e morar em Novidade, Lara e Fábio não imaginavam que seria assim: a cada minuto uma surpresa se descortinava. Tudo era novo naquele lugar, mas nada se comparava à maior de todas as novidades, a descoberta de tudo o que eram de verdade e eles eram tanta coisa...

Lara e Fábio moraram em Novidade por algum tempo, ficaram amigos, passaram a dividir todas as experiências, tão estranhas e diferentes para eles, algumas espantosas, como os espelhos que revelavam sua personalidade. Neste lugar tiveram tudo revelado, não tinham mais segredos um para o outro, depois daquele encontro na sala dos espelhos, não caberia nenhuma máscara. Talvez, por isso, essa amizade já tenha nascido tão forte. E você, caro leitor, quais de suas faces seriam reveladas em uma sala de espelhos?

Com o tempo, Lara e Fábio aproximaram-se ainda mais, sabiam tudo a respeito do outro pelo tom de voz, pela forma de olhar.

Em Novidade, não havia rotina e, em uma manhã nublada de outono, subitamente um morador de Raiva invadiu Novidade com toda a sua grosseria e frustração, sem sequer bater na porta ou até mesmo nas janelas, decretou que aquela cidade agora lhe pertencia. Aqueles que viam a cena que o raivoso homem fazia ficavam espantados! Na mesma manhã chegou à cidade um morador de Mentira, lugar onde as máscaras são de uso obrigatório.



Os dois novos moradores causaram grande rebuliço entre os habitantes de Novidade nos dias que se seguiram e a desordem tomou conta do lugar. Lara e Fábio, agora mais próximos, ainda estavam se acostumando com uma vida diferente a cada dia, um acontecimento novo a cada hora. E estavam tão felizes...

Depois de alguns dias, quando Novidade parecia voltar à normalidade com seus dias cheios de acontecimentos inesperados, veio o anúncio: o morador de Mentira havia convencido o novo prefeito de Novidade – vindo de Raiva - a decretar a obrigatoriedade do uso de máscaras na cidade, alegando que seria algo inovador para a cidade. E assim se fez. Lara e Fábio compraram suas máscaras também.

E o hábito de fingir ser quem não é, sem que os moradores se dessem conta, virou costume: todos os dias, antes do café, já estavam todos mascarados. E por gostarem do novo hábito, muitos decidiram mudar de cidade, foram para Rotina.

Novidade ficava mais vazia a cada dia. Como havia pouca gente para conversar, Fábio se aproximou do prefeito vindo de Raiva. Queria conversar de verdade, não estava contente com os últimos acontecimentos e, por isso, foi sem máscara. O moço raivoso não revelou de fato suas intenções, continuava mascarado e, sem que Fábio pudesse perceber, foi envolvido pela lábria do rapaz. Passou a encontrá-lo todas as tardes para um café e os assuntos iam desde o clima ruim na cidade até a falsidade e enganação das pessoas ali. Fábio deixou-se tomar por um sentimento forte, acordava revoltado e nem sabia o porquê.



Lara havia percebido a mudança de Fábio e, com medo, resolveu voltar às origens, deixou-se tomar pelo espírito aventureiro, desobedeceu ao decreto e foi conversar com Fábio sem máscara, como há muito não fazia.

Fábio estava tomado de uma ira tão grande que não quis ouvir Lara, os moradores de Raiva e Mentira já o haviam convencido: não acreditava mais em nada, estava certo de que tinha sido enganado e até a sala dos espelhos acreditava ter sido enganação da moça de Aventura para divertir-se à custa do rapaz de Timidez. Lara, extremamente magoada e triste, sem saber o que fazer, fugiu dali. As novidades naquela cidade não poderiam ser piores, Lara queria partir.

Quando soube da notícia, Fábio ficou desolado, pensou ter sido muito duro, mas ainda tinha dúvidas e voltou à sala dos espelhos. Lá também estava Lara, arrumando suas coisas para partir. Novamente a sala revelou as faces das personalidades e intenções dos dois. Fábio entristeceu-se ao ver a face sincera, magoada e decepcionada de Lara, percebeu que se enganara e lamentou profundamente, pedindo que ela o perdoasse. Lara não conseguiu mudar sua face magoada e decidiu partir. Calçou suas botas, largou os tênis, o vestido florido, e foi morar longe, em Desgosto, onde viveu muito tempo — antes de se mudar para Solidão. Fábio não tinha outro destino: não quis morar em Raiva ou Mentira por saber que de lá não vinha coisa boa! Foi morar em Arrependimento e passou o resto da vida pensando em Aventura e Novidade, lugares em que poderia ter sido muito feliz. Os dois nunca deixaram de sonhar com Liberdade, lugar longe, onde nunca conseguiram chegar. ❀



Somos todos Severinos



DRE Penha



AEL João Cabral de Melo Neto

EMEF Humberto de Campos

Docentes

Renata Fico

Coordenadora de Estudos Literários

Érica Marques

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Daniel de Amorim Miguel (13 anos - 7º ano)


Ian de Moraes Soares (12 anos - 8º ano)

Victoria Manuella Souza Hidalgo (12 anos - 7º ano)

Maria Eduarda Domiciano da Costa "MADU" (13 anos - 7º ano)

Geovana Ribeiro (14 anos - 9º ano)

José Wallison de Farias Santos (13 anos - 8º ano)



*“E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida”*



chegada do ônibus trouxe mais ansiedade, desespero, medo de falhar.

Era a nossa estreia, no Céu Quinta do Sol, na Semana de Arte Moderna da AEL - evento que estava acontecendo na Cidade, atividade desenvolvida pela “Academia Estudantil de Letras”, projeto do qual participamos, na nossa escola.

Momentos antes da chegada do ônibus, Victória havia perdido a placa, com a sinopse do espetáculo. Esse fato deixou-a muito ansiosa e, para falar a verdade, ainda não tinha se recuperado do susto. Bendita a hora em que seus olhos fixaram a janela:

– Oh, meu Deus! Lá estava a preciosa plaquinha!

E dizia para si mesma, enquanto se recompunha:

– Janelas são soluções para mentes esquecidas como a minha.

Severina era o nome da peça, adaptada da obra Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.

Deixe-me explicar agora, quem são os Severinos. Somos todos nós, caro leitor, você, eu, todos nós somos Severinos! E Severina é a nossa vida, severa e viva!

Uma peça não é para soltar da boca pra fora, mas sim, para viver – disse Ian. Lembrou-se de que



tinha aprendido isso na peça sobre ditadura, a que haviam assistido dias antes.

○ Ônibus corria rápido como um raio.

Pedro, que tinha uma única fala na peça, resolveu escrevê-la em sua mão, mas não adiantou muito: estava tão eufórico que logo se esqueceu.

Chegamos ao CEU: o nome é suave como as nuvens, mas, elas ficam tensas, antes de uma chuva forte.

Estávamos todos ansiosos, pois, durante a semana toda, vínhamos assistindo a espetáculos incríveis e, agora, chegada a nossa vez, uma sensação de insegurança veio à tona.

Deve ser comum os atores sentirem essas coisas — pensamos — E, afinal, parecia extraordinária a ideia de não estarmos sozinhos nesses sentimentos.

Quando tiverem dúvidas, não olhem para o chão, e sim para o céu — disse Daniel. [havia aprendido aquilo em alguma boa série].

Na coxia, ouvia-se, de todos “CARACAS! MEU DEUS! NOSSA!” e o tum tum tum do coração.

Problemas com o som.

○ público, em sua fria espera de mais uma peça, observava o movimento da cortina e sentia o clima de suspense que sempre há entre o palco e a plateia, antes de algum início.

Tiramos os tênis e, ao som da zabumba, entramos no palco. Ele, escuro, paralisado. Nós, tão inexplicáveis,



no agora do palco. Victória, naquele momento, após pulos de emoção, se dirige na sexta posição da fila dos “SEVERINOS”. Daniel, Giovanna, Ian e Carlos, os primeiros. Ao terceiro toque da zabumba, tum, tum, tum, ou eram nossos corações? As borboletas no estômago começaram a sair. As cortinas se abriram, com uma forte luz, pessoas observaram com curiosidade, era a nossa vez Severina.

– O MEU NOME É SEVERINO. Começo de uma história que não se acaba, essa frase emocionou. Com passos lentos ao centro do palco, parecia que muitas pessoas já passaram por aqui. “Merecemos, conquistamos, botamos para quebrar”, pensamos depois de tudo passar.

A peça foi fria e quente, pesada e leve, muitos fizeram com o coração, alguns com certa dificuldade, mas cada um deu de si o que tinha a oferecer. Teve dança, teve fala nordestina. O sentimento de fazer a peça foi como o sentido da própria peça de João Cabral, foi um percurso da morte até a vida, de tristeza e sofrimento, para depois a alegria e esperança de dever cumprido.

Terminou a peça, conseguimos!

As nuvens do CEU choveram com relâmpagos em nossas barrigas e com os aplausos de fim. Foi festa na coxia. Sorriso e orgulho definem bem.


Um rapaz barbado, alto e formoso disse palavras bonitas pra gente:

– Parabéns! Por que vocês não fazem um teste para a TV?

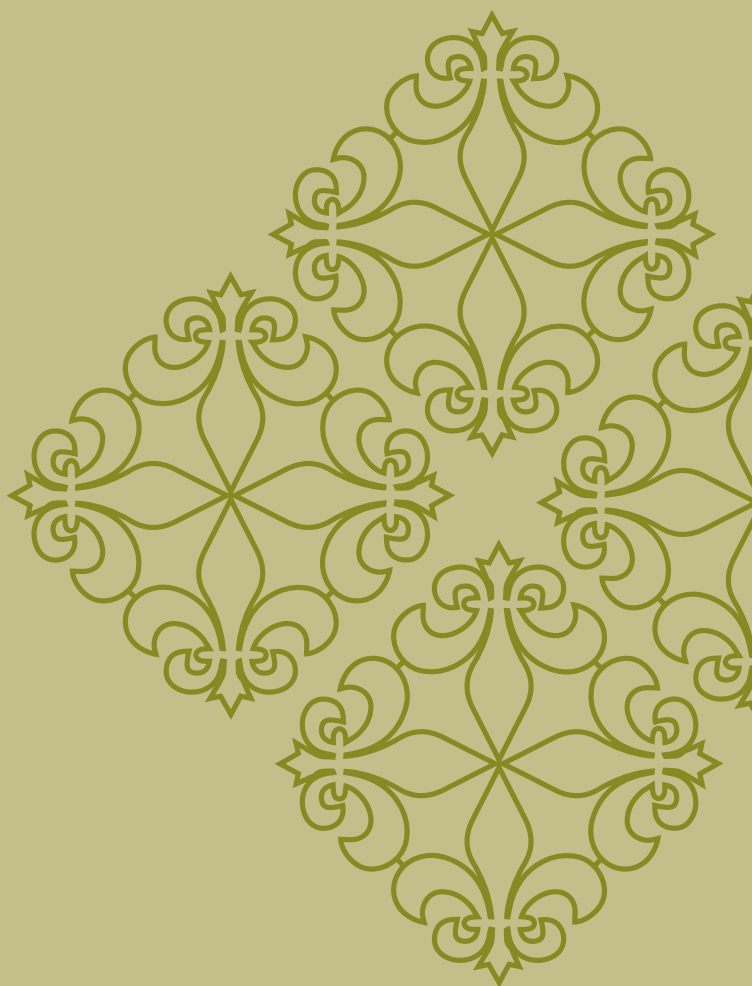


Com os corações acelerados, sentimos a vida Severina, uma conquista, o sentimento de vitória. Somos pessoas no corpo de Severino, vivemos uma parte da vida dele. Não éramos nós, mas Severinos, com a dor e cansaço, primeiro. E depois, orgulho pela conquista. Por não se deixar abater. Foi um dia muito especial, um dos melhores de nossas vidas. O começo de uma nova jornada.

Após vários meses, tivemos que apresentar essa mesma peça no dia da fundação da AEL João Cabral de Melo Neto, nossa Academia. Todos os que estavam presentes amaram, inclusive, nossa família.

Cada vez que contamos este dia, ele se mostra assim: simples e eterno, como o espetáculo da vida. 





A poetisa

DRE Pirituba | Jaraguá

AEL Conceição Evaristo

EMEF Antonio Alves Veríssimo

Docentes

Priscila dos Santos

Coordenadora de Estudos Literários

Camila Ferreira

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Isabella Marcondes Santos Silva (11 anos - 5º ano)

Jennifer Vitória Gomes de Souza (13 anos - 8º ano)

Giovanna das Chagas Dias (11 anos - 7º ano)

Paulo Henrique da Silva (11 anos - 7º ano)

Victória Giraldi Lamera (10 anos - 5º ano)

Amanda Almeida Teixeira (12 anos - 7º ano)

Juan Raphael C.S. Tosta (9 anos - 3º ano)

Camila Teles da Silva (12 anos - 7º ano)

Bianca Simões Salles (14 anos - 9º ano)

Alexandra Luíse Marcolino Mendes (12 anos - 6º ano)

José Matheus K. Lucena Campos Neres (14 anos - 9º ano)

Julia Lemos Oliveira (14 anos - 9º ano)

Palavras... imagens... rimas... poesia. Essas palavras rondavam os pensamentos de Letícia, durante boa parte do dia. Às vezes, até em seus sonhos, a poesia aparecia e ela, rapidamente. Então, pegava o caderninho e a caneta, que mantinha no criado mudo, e escrevia tudo que havia sonhado.

Ela era uma garota muito carinhosa e, por isso, gostava de presentear todos seus amigos. Como era muito humilde, não podia comprar nada. Então, usava sua criatividade, escrevendo poemas para seus amigos, nas datas dos seus aniversários.

A cada aniversário, Letícia começava a pensar nas características do amigo homenageado. Lembrava-se do seu olhar... da maneira como ele se comportava, enfim, só pensava em realçar as coisas positivas e, assim, o poema nascia.

O Paulo, a Bianca e o Mateus eram muito engraçados; logo inspiraram a menina a criar um poema cômico. Para Amanda, Camila e Giovanna, os poemas foram mais amorosos. Já para os novos amigos, Alexandra, Vitória e Isabella, surgiram poemas mais sensíveis. E pra Jennifer e Julia? Esse foi mais difícil, pois elas eram muito fechadas. Ainda assim, ela se inspirou e conseguiu que os poemas ficassem lindos!

Em dezembro, chegou o aniversário de Letícia. Sempre repetia que não gostava de festas, já que seus pais não tinham condições de fazer uma para ela (mas no fundo ela sempre sonhou com uma).




O dia passou como qualquer outro. Recebeu parabéns na escola, na rua, dos pais e ligações de seus familiares.

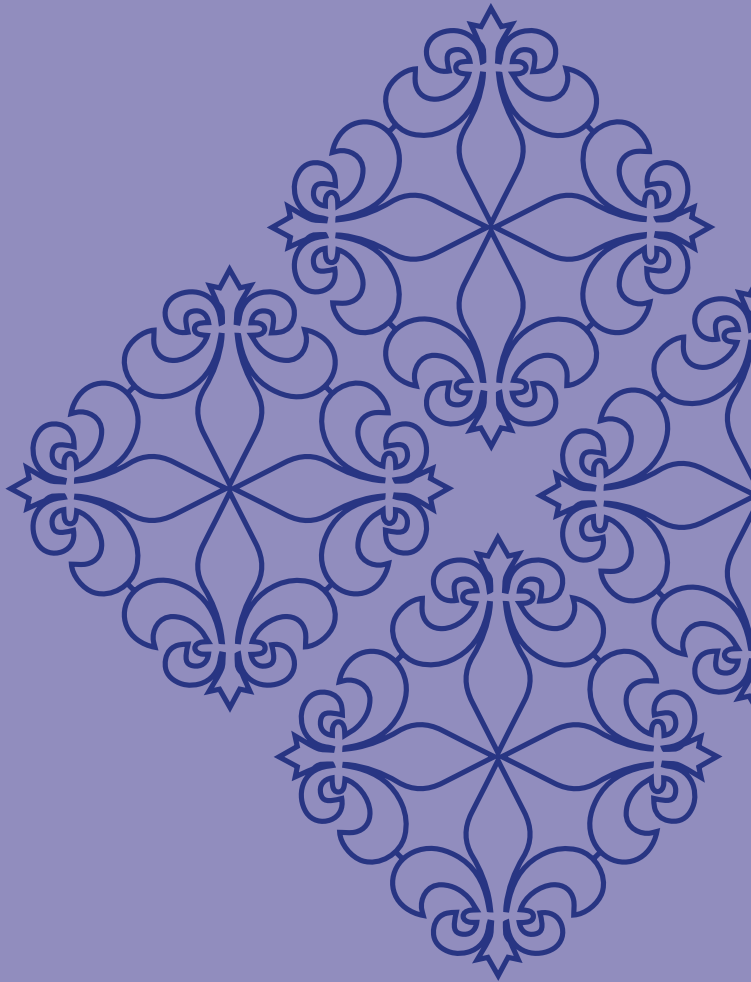
Ao fim da tarde, ela foi para casa e quando abriu a porta... SURPRESA!!! Todos os seus amigos e familiares a esperavam, com uma festa linda e emocionante!

Letícia chorou de emoção, mas não imaginava que o melhor estava por vir. Os amigos reuniram todos os seus poemas e confeccionaram um livro lindo e colorido. A emoção foi grande, pois ela não imaginava que aqueles poemas seriam capazes de realizar o seu sonho mais desejado.

A história foi tão comvente que o seu vizinho, dono do jornal do bairro, convidou Letícia para escrever em uma coluna, semanalmente, para publicação.

Foi assim que a jovem Letícia iniciou sua trajetória literária e, a julgar pelo seu ótimo desempenho e progresso, não há quem duvide de que há de se tornar uma grande escritora. 





O mistério do Colégio Dom Pedro I

DRE Butantã

AEL Carolina Maria de Jesus

EMEF João XXIII

Docentes

Silvia Martins

Coordenadora de Estudos Literários

Wilton Carlos Amorim Rezende

Coordenador das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Ana Luiza Oliveira da Silva (11 anos - 6º ano)

Caine Rodrigo Sodrê Rocha (11 anos - 6º ano)

Carlos Henrique Camara (11 anos - 6º ano)

Gabriel Gueff de Souza do Nascimento (11 anos - 6º ano)

João Victor Tebaldi de Oliveira (12 anos - 6º ano)

Karolina Souza Silva (13 anos - 6º ano)

Kethelyn Laura de Campos (12 anos - 7º ano)

Lais Cardoso de Andrade (12 anos - 7º ano)

Ludmila Mendes Silva (11 anos - 6º ano)

Mariana Domingues Delfino Silva (11 anos - 6º ano)

Monik Rafaela Anselmo Rodrigues (12 anos - 7º ano)

Pedro Henrique Oliveira dos Santos (12 anos - 6º ano)

Rayane Oliveira Celestino (12 anos - 7º ano)

Ryan Silva Gomes (13 anos - 7º ano)

Selena Causso Santanna da Silva (11 anos - 6º ano)

Stefane Saturno Maciel Santos (14 anos - 9º ano)

Thaina Graciosa Moreira (13 anos - 7º ano)

Vitória Oliveira Lima dos Santos (12 anos - 7º ano)

Isabel, uma jovem de 16 anos, vinda da cidade grande, aluna nova do Colégio Dom Pedro I, brilhante estudante de Física, uma garota comunicativa que mal chegou e já se tornou amiga de todos, muito curiosa... tão curiosa que foi convidada pelo grêmio para ser jornalista, do jornal produzido por eles.

O Colégio Dom Pedro I, carinhosamente chamado de Pedrinho pelos ex-alunos que lá estudaram, guarda muitas histórias, que rondam até hoje os corredores e salas de aulas, desde sua fundação.

O prédio tem uma construção antiga, no alto de um morro, em uma pacata cidade do interior, chamada Moinho dos Ventos. Dizem os moradores antigos da região, que participaram da construção da cidade, que a escola foi construída em cima de um cemitério abandonado, na década de 1950. Desde então, muito mistérios rondam essa escola.

Esta história deixou Isabel muito intrigada, sua curiosidade levou-a a pesquisar sobre esse mistério. Neste dia, Isabel foi caminhando para sua casa, numa tarde nublada e chuvosa. Sua mente estava muito distante, envolvida com as histórias.

Isabel chega a casa com a cabeça fervendo de tanto pensar sobre o que acontecia com a sua escola. Teve uma ideia: conversar com seus amigos, pensou no João e na Vitória, redatores do jornal.

Combinaram o encontro às 13 horas da quinta-feira, 19 de abril de 2000, na Biblioteca Municipal da Cidade.



No dia marcado, estavam todos na Biblioteca e iniciaram a investigação nos registros dos locais da cidade. Depois de horas pesquisando, encontraram o livro dos primeiros moradores. Então, resolveram andar pela cidade, buscando informações.

No livro encontraram o nome dos moradores e o número da casa onde moravam. Entre eles estava o nome de Francisco Machado e Joana Ferreira, dois senhores de idade avançada, que sabiam muito sobre a cidade, pois haviam participado de sua inauguração. Isabel e seus amigos iam frequentemente à casa desses senhores para buscar mais informações.

Quando eles chegaram, bateram na porta, chamando-os. Quem apareceu foi o senhor Francisco, perguntando:

– O que vocês querem aqui em minha casa?

Um deles respondeu:

– Só queríamos saber sobre o colégio Dom Pedro I. As pessoas dizem que ele foi construído em cima de um cemitério abandonado.

Sr. Francisco responde intrigado:

– Sim, mas por que esse interesse sobre o cemitério abandonado que está debaixo da escola de vocês?

Isabel respondeu:

– Sou muito curiosa, gosto de mistérios e estou muito interessada nesta história para divulgar no jornal do colégio.

Concordaram seus amigos.

Sr. Francisco respondeu novamente:



– Então, tudo bem, podem entrar, vou falar sobre esse assunto com vocês.

Dentro da casa, eles observaram que os móveis eram muito bem cuidados e bem antigos.

O senhor Francisco diz:

– Podem sentar no sofá.

Quando se sentaram, João foi logo perguntando:

– E então, o que o senhor sabe sobre nosso colégio?

Vitória diz:

– Não vamos apressar João, precisamos dessas informações em detalhes.

O senhor começa a explicar:

– Quando chegamos aqui, não tinha escola nenhuma e sim um cemitério, mas não era abandonado.

Interrompe João, espantado:

– Como assim “chegamos”? Não é só você quem vive aqui?

Senhor Francisco responde, sorrindo:

– Minha esposa Joana mora comigo, ela chegou comigo quando éramos jovens... Velhos tempos...

O senhor Francisco continuou a falar:

– Era um cemitério de pessoas comuns, mas se dizia que muitas das pessoas ali enterradas eram criminosas, assassinos muito perigosos. Depois de um tempo, as pessoas começaram a comentar que o cemitério tinha



ficado assombrado. Alguns garotos ficavam fazendo rituais por lá e, por isso, resolveram fechá-lo para sempre.

Depois de poucos anos, um rapaz comprou esse terreno (mas ninguém disse a ele sobre o cemitério) e construiu o colégio, resolvendo homenagear Dom Pedro I. É isso que eu sei.

Isabel, amando saber sobre essa história, que mexia muito com a sua mente, diz:

– Obrigada por ter falado sobre isso para nós.

Eles saem, e, enquanto caminham para a biblioteca da escola, João fala às duas, amedrontado:

– Não estou gostando dessa história...

Vitória e Isabel olham uma para a outra e saem, rindo de João.

Vitória tem a ideia de chamar um amigo próximo, chamado Joaquim, que entendia muito bem de histórias e mistérios, para ajudar um pouquinho mais e, assim, o artigo ficar bom para publicar no jornal.

Joaquim diz aos três:

– Não contem a ninguém sobre essa descoberta. E ficou à frente da estante. Puxou um dos livros e, de repente, abriu uma porta.

Isabel, animada com a descoberta de Joaquim, diz:

– Então, vamos logo explorar aqui!

– Eu acho melhor não. Vai que tem fantasmas e múmias vivas - diz João, agoniado.

– João, múmias só em pirâmides do Egito e não aqui! – diz Vitória, rindo muito.



Joaquim diz a eles:

– Mas eu não sei até onde isso leva.

Isabel responde:

– Melhor ainda! Agora vamos, já perdemos tempo demais.

Então, entram na passagem.

João lembra que tinha uma lanterna em sua bolsa, pois, como tinha medo de escuro, temia que um dia acabasse a luz no colégio. Enquanto andavam, Isabel contou para Joaquim o que o senhor Francisco havia lhes dito. Joaquim, surpreso, gostou do assunto. Andavam no escuro, quando João bateu de cara com um espelho, que tinha o símbolo de um diamante. Era uma porta secreta que não podia ser aberta. Como não conseguiram abri-la, tiveram que voltar à biblioteca. Sentaram-se em uma mesa próxima e começaram a refletir como fariam para conseguir.

Vitória teve uma brilhante ideia:

– Podemos perguntar ao senhor Francisco. Quem sabe ele possa nos ajudar?

Felizes, todos concordaram.

Joaquim diz:

– Mas, só amanhã, porque hoje estamos exaustos.

Voltaram para casa. Isabel teve uma ótima noite de sono. Pela manhã foi à escola e conversou com seus amigos, para mais tarde irem à casa do senhor Francisco.

Algumas horas depois se encontraram, bateram à porta, só que daquela vez foi uma senhora, dona Joana, quem atendeu e perguntou a eles:



– O que querem na minha porta?

Logo ao lado aparece o senhor Francisco e diz:

– Ontem eram três, hoje são quatro. Quanto ainda isso vai aumentar?

Joaquim, diz:

– Queremos fazer uma pergunta a vocês, podem nos deixar entrar?

Eles se sentam naquele sofá, mas havia algo de diferente nele que não conseguiam notar bem o que era.

Francisco: – Podem perguntar.

Isabel: – Bom, não sei se vocês sabem, mas existe uma passagem secreta na biblioteca. O Joaquim quem descobriu. Quando entramos lá, tinha uma porta com um espelho gigante e um símbolo de diamante, que possivelmente é uma chave. Não conseguimos saber como conseguir essa chave, vocês sabem de algo sobre isso ou como conseguir essa chave?

Joana logo responde, com certeza:

– Eu conheço símbolos mais que ninguém aqui, mas isso é simples. Para conseguir a chave basta conseguir um diamante

João: - Um diamante de verdade mesmo?

Joana: - Sim.

Vitória: - Mas como? É difícil encontrar um diamante, principalmente na cidade!

Ela diz, com sabedoria: – Se não estivesse aqui, esse diamante não seria a chave.



Isabel, pensando nisso, pergunta: – Tem algum lugar aqui com bastante terra ou algo do gênero?

Francisco se lembra de um lugar bem próximo com bastante terra, morro e árvores. E diz:

– É só descer o morro e ir até a esquina.

Felizes com a informação que conseguiram, saem agradecidos. E correndo foram todos para as suas casas pegar ferramentas para procurar o tal diamante.

Desceram o morro, viraram a esquina, procuravam em todo lugar, mas nenhuma pista era encontrada. Quando pensaram em desistir, Isabel pisou em algo pontudo e, com a luz do sol a refletir naquela ponta, continuaram e cavaram até que perceberam que aquele era o diamante tão procurado. Correram de volta à biblioteca e Joaquim abriu a passagem novamente, foram até a porta e conseguiram abrir a passagem do espelho, era uma sala com muitos objetos antigos.

Procuravam, procuravam, até Vitória encontrar um baú com um cadeado. Do lado esquerdo encontraram a chave, abriram, e dentro tinha a foto do cemitério e um livro contando de fato toda história. Enfim o mistério foi resolvido.

Depois da descoberta, Isabel e seus amigos relataram a história para o jornal do colégio e para o jornal da cidade. Eles ficaram famosos pela resolução do mistério do Colégio Dom Pedro I e do cemitério abandonado. 🌸



Luiza, a sonhadora

DRE São Miguel Paulista

AEL Cecília Meireles

EMEF General Newton Reis

Docentes

Lucicleide Virgínio Freire Lima

Miriam Satomi Irei Neiva

Coordenadoras de Estudos Literários

Miriam Satomi Irei Neiva

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicas

Gabriella Souza de Oliveira Santos (14 anos - 8º ano)

Luana Vitória Batista da Silva (13 anos - 8º ano)

Luíza queria ser diferente... uma pessoa que cultivasse amor próprio, alguém de quem todos gostassem, mas, até então, ninguém quisera ter a sua amizade. A garota vivia triste pelos corredores de sua escola, ficava se perguntando sempre: “Como vou agradar a eles? Como vou conseguir andar com eles?” Essas perguntas que fazia a si mesma nunca tinham respostas, poxa, ela era uma garota normal como as outras, mas carregava a tristeza em seu olhar, enquanto os outros carregavam sorrisos. Luíza disfarçava sua tristeza. Às vezes, pensava que, se pelo menos tentasse mostrar seu lado engraçado, pudesse conseguir a atenção de alguém ali...

Essa triste menina tinha o dom de escrever poesias, mas quem iria adivinhar que tinha esse talento? Ninguém queria ficar perto dela, por andar sempre abatida. Alguns até achavam que ela era metida, orgulhosa. Mas escrever poemas era um dos seus hobbies favoritos...

Certo dia, em uma atividade de sala de aula, a menina precisava escrever um poema, “criar”, que era justamente o que mais gostava de fazer.

E escreveu:

*O homem chegou até a lua,
A moça conseguiu atravessar a cidade,
O passarinho conseguiu sua liberdade...
Mas... pena de mim
Que ainda não pude encontrar
A minha felicidade*



Por uma feliz coincidência, começava na escola um projeto novo: Academia Estudantil de Letras – AEL, que caía como uma luva para a sua expectativa de fazer amigos e de desenvolver o seu talento nato de escrever versos, de viajar nos livros.

Livros! Ah, os livros! Os livros de amor!

Luiza era apaixonada por eles, eram seus amigos favoritos.

A princípio sentiu-se incapaz, insegura, mas ao mesmo tempo ficou muito feliz com o projeto. Então, sem pensar muito, aceitou o convite da professora e entrou para a AEL. A garota foi se aprofundando mais e mais em seus estudos e em seus poemas, foi conhecendo inúmeros poetas, que a deixavam cada vez mais inspirada. A AEL era um projeto incrível, onde cada um podia fazer seu seminário e falar sobre seu autor, sua obra, declamar poemas, encenar esquetes, peças. E colegas ainda enriqueciam com apresentações de obras dos amigos literários escolhidos por eles.

Os encontros acadêmicos aconteciam uma vez por semana, na sala de leitura, às vezes no jardim, outras vezes na sala de vídeo e até mesmo na quadra. As professoras faziam atividades muito diferenciadas da sala de aula, tinha jogos para aprender sobre os autores, suas obras, jogo da memória, trilha, caça ao tesouro, dinâmicas, brincadeiras e às vezes até “pagar mico” fazendo caretas, mímicas, etc. Mas elas sempre diziam que era para não termos vergonha na hora das apresentações no palco.




E ainda teve vários passeios culturais. Fomos para a Bienal de Livros, teatros, museus, piqueniques no Parque do Ibirapuera, Bienal de Artes, apresentações no teatro do CEU, um teatro de profissional, com direito a figurino de primeira, iluminação, sonoplastia e tudo mais.

Aquela garota tímida, recatada, participou de cada etapa desse projeto e com todo seu esforço e dedicação conseguiu tomar posse da cadeira número 1, que tinha como patrona Cecília Meireles, uma grande poetisa brasileira, que escreveu vários livros, principalmente os de poesia e ganhou muitos prêmios com todo o talento e trabalho dedicado a essa obra.

Luíza se lembra de cada detalhe do dia da posse, de sua emoção infinita, de como declamou com suavidade o poema escolhido, com uma leveza, que parecia que ela própria havia escrito. Foi muito aplaudida. Recebeu uma rosa, desceu e tomou o assento reservado com a foto da autora. O nervosismo foi um obstáculo vencido, pois perseverou até o final do evento solene.

Muitos anos se passaram e aquela garota acuada, melancólica, mostrou para o mundo seu grande talento, escrever poesias... “Ah se não fosse a AEL, o que seria de mim hoje? Não conheceria esse mundo das letras, do imaginário, da poesia, da liberdade, nem descobriria o grande talento que havia dentro de mim” – declarou a poetisa de reconhecido mérito, em recente entrevista.

O sucesso a acompanha pela vida, o seu rosto envelhece, mas o seu talento permanece vivo como nunca! 





O mistério da Armando High School



DRE Santo Amaro

AEL Lygia Bojunga

EMEF Armando Arruda Pereira

Docentes

Deise Miki Kikuchi

Coordenadora de Estudos Literários

Juliana Ferreira Leme

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Rayssa Fabiane Pereira Vital Santos (11 anos - 6º ano)

Itana Evelly Silva Santos (11 anos - 6º ano)

Jennifer de Souza Braga (11 anos - 6º ano)

Joao Raphael Soares da Silveira (11 anos - 6º ano)

Milena Melo dos Santos (13 anos - 9º ano)

Vitor Abade Silva (13 anos - 8º ano)

Maria Eduarda Rocha Silva (11 anos - 6º ano)

Maria Rita Araujo Gomes (12 anos - 7º ano)

Eduarda Barbosa dos Santos (11 anos - 6º ano)


Maria Vittoria Soares da Silveira (7 anos - 2º ano)

Ewerton Luis Soares de Oliveira (11 anos - 6º ano)

Miguel Gomes Barboza (10 anos - 5º ano)

Henrique Melo dos Santos (11 anos - 6º ano)


Nicolas Cage Caetano da Silva (12 anos - 8º ano)





Anna Clara Carvalho dos Santos (11 anos - 6º ano)
José Junior de Souza Silva (9 anos - 4º ano)
João Victor de Souza Silva (9 anos - 4º ano)
Gabriel de Souza Lima (9 anos - 4º ano)
Giovana Gomes Lourenço (10 anos - 5º ano)
Rafaela Silva de Brito (11 anos - 6º ano)
Gabrielly Martins Silva (11 anos - 6º ano)



o centro de Nova Iorque existia uma escola abandonada há muitos anos, chamada Armando High School. O motivo do abandono era um mistério. Alguns diziam que antigamente ali era um cemitério, e que as almas penadas assombravam quem entrasse na escola, outros diziam que havia infestação de bichos asquerosos... Diziam também que havia a assombração do zelador fantasma. Enfim, as lendas eram inúmeras, mas o fato é que ninguém ousava entrar na escola e desvendar o tal mistério.

Até que, numa manhã de outono, Caroline, Katherine, Dylan e Bruce, quatro amigos que estudavam no oitavo ano de uma escola vizinha, decidiram cabular a aula, para mostrar a cidade para o novato Bruce.

– Esta é a nossa biblioteca da cidade. – disse Katherine.

– Ali é o supermercado. – apontou Dylan.

– Não tem coisas mais interessantes para ver? – perguntou Bruce.



– Já sei! Sigam-me – disse Caroline, indo em direção à escola abandonada. – Aqui é a misteriosa escola abandonada Armando High School, onde ninguém nunca teve coragem de entrar.

Os três amigos, então, começaram a relatar para o menino, com empolgação e mistério, todas as histórias que pairavam sobre a legendária Armando High School.

Bruce, que gostava de se aventurar, quis mostrar para os seus novos amigos o quanto era corajoso: propôs que todos entrassem na escola.

– Você está louco? Nós já não te explicamos que esta escola é mal assombrada?– disse Caroline.

– Vocês acham que eu tenho medo dessas historinhas? Quem não entrar, vou espalhar para todos da escola amanhã! – ameaçou Bruce.

Eles se entreolharam, titubearam e concordaram em aceitar o desafio de Bruce, mesmo Dylan, que tinha medo até do barulho de batedeira.

Liderados por Bruce, em fila, entraram pelo portão dos fundos, mas é claro que não foi tão fácil para Dylan, que tremia da cabeça aos pés. Ele só conseguiu seguir o bando, de olhos fechados e segurando forte o braço de Katherine.

Assim que entraram, o portão se fechou, provocando um forte barulho. Assustados, correram, cada um para um lado, mas todas as portas ao redor se fecharam, e uma forte luz se acendeu em cima do corpo ensanguentado de um menino, com uma faca jogada ao lado. Bruce ficou paralisado no meio do pátio, olhando



para o corpo, enquanto os outros não paravam de gritar, um em cada canto da escola. A luz se apagou, todos voltaram para o pátio, em busca da saída, mas não conseguiam abrir o portão. Bruce queria ficar, pois queria descobrir o que aconteceu com o garoto.

Quando a luz se acendeu novamente, o corpo já não estava mais lá, havia um rastro de sangue, que levava para a sala 17. Seguiram, então, para o outro lado, para a sala 13, onde leram o que estava escrito na lousa: “Isso mudará para sempre as suas vidas!”. Aterrorizados, correram para a sala 15, onde havia a seguinte mensagem na parede: “Ninguém aguenta por muito tempo”. Fugiram, então, para a sala 16, e ali havia fotos antigas de adolescentes, com a inscrição dos respectivos nomes e idades. Mais assustador ainda era que, ao lado de todas as fotos, havia facas! Aterrorizados com tudo que já tinham visto, voltaram para o pátio, a fim de acabar logo com a incrível aventura e tentar, finalmente, desvendar o mistério:

– Será que “ele” foi morto por aquelas pessoas da foto? – disse Katherine.

– O que está acontecendo? O que estamos fazendo aqui? Eu não aguento mais isso! VAMOS EMBORA! – disse Dylan, desesperado.

De repente Dylan sentiu um arrepio na nuca e foi em direção à sala de Ciências, deixando todos curiosos. Afinal, por que o garoto mais medroso da turma estaria andando sozinho, para a sala mais escura da escola? Todos decidem segui-lo imediatamente e o encontram segurando um álbum numa mão e, na outra, uma vela. Ao perceber a presença dos amigos, Dylan, com uma voz estranha, fala:



– Por que comigo? Eu não merecia isso! O que eu fiz pra eles?

– Dylan, pare com isso! O que deu em você?– disse Caroline.

– Não sou o Dylan, não está vendo? Meu nome é Gustaf – respondeu.

Caroline afastou-se rapidamente.

– O que você fez com o meu amigo? Quem são essas pessoas das fotos? – perguntou Bruce.

– Essas pessoas foram as culpadas! – respondeu Gustaf.

– Culpadas... de quê? – disse Caroline.

– He He He, não percebeu que estou morto? – debochou.

De repente, a luz se apagou e o projetor da sala foi ligado repentinamente, revelando imagens violentas contra Gustaf, quando era adolescente, estudante do 2º ano do Ensino Médio, da Armando High School. Todos os dias, seus colegas xingavam-no e o agrediam, e ninguém fazia nada para ajudá-lo.

– Então, foram essas pessoas das fotos que mataram você?– disse Bruce.

– Não, elas são culpadas!

– Então, o que aconteceu? – insistiu Bruce.

– Eu acabei com a minha vida! Não suportei mais e, numa noite, invadi a escola e me esfaqueei. No dia seguinte, um dia normal de aula, ao verem meu corpo no



chão, todos os alunos e funcionários da escola fugiram e nunca mais voltaram... Que bom que vocês vieram! Era disso que eu precisava: conversar e contar a minha história. Estou sentindo a minha alma leve! Adeus!

A luz reacendeu e Dylan voltou ao normal.


– O que aconteceu comigo? Como vim parar aqui? – disse Dylan.

– Está tudo bem! Você nos ajudou a descobrir tudo. Você foi muito corajoso! – disse Bruce.

– Vamos combinar uma coisa: isso não sairá daqui, será o nosso pacto, ok? – disse Dylan

– Ok – disseram Katherine e Caroline, a uma só voz.

– Ainda não entendo... – disse Dylan.

Foram embora dali, carregando o segredo e todas as sensações que viveram naquele dia. Essa aventura aterrorizante se transformou em um pacto de amizade, que duraria para sempre! Mantiveram a amizade pelo resto de suas vidas e nunca contaram a ninguém sobre esse acontecimento inusitado. Quando alguém comentava sobre a Armando High School perto deles, os quatro se entreolhavam e diziam apenas: “Ninguém aguenta por muito tempo.” 





Um amor quase impossível



DRE Penha

AEL Guilherme de Almeida

EMEF Guilherme de Almeida

Docentes

Alessandra Umbelino Lopes Nascimento

Tais Freitas de Souza

Coordenadoras de Estudos Literários

Tais Freitas de Souza

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Giullia Zanellato Santos (13 anos - 8º ano)

Isabelle Cristina Amado (13 anos - 8º ano)


Júlia de Assis Santos (13 anos - 8º ano)

Cauan Vitor Muniz Fernandes (14 anos - 8º ano)



Foi amor à primeira vista. Numa tarde chuvosa, nós encontramos e o meu olhar foi certo em sua direção. Suas cores faziam vibrar as folhas secas do outono e suas ideias pareciam sinos tocando com a força do vento: tocaram em mim com a intensidade de uma escola de samba no carnaval.

Queria muito estar ao seu lado. Desejava, desesperadamente, estar ao seu lado o tempo todo, pois era encantador a forma como você carregava todas as personalidades em si, ao mesmo tempo em que trazia todos os desencontros do mundo.

Por um instante pensei que fosse te perder... Meu coração palpitava temeroso e assustado. Pensei que fosse morrer quando vi você nas mãos de outro alguém... Contudo, meus batimentos cardíacos voltaram ao normal quando vi você na estante novamente, meu livro querido! 



Convescote

DRE Ipiranga

AEL Daniel Munduruku

EMEF Jean Mermoz

Docentes

Renata Del Tedesco Curral

Andréia do Carmo Alessi Mazzuchini

Coordenadoras de Estudos Literários

Andréa Regina Palombo

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Alice Cristina Miranda Ribeiro (14 anos - 9º ano)

Carlos Santiago Clementino (12 anos - 7º ano)

Daiany Andrade de Melo (12 anos - 7º ano)

Deisy Samira Santana do Nascimento (12 anos - 7º ano)

Dyovanna Mikaelly dos Santos Rodrigues (12 anos - 7º ano)

Elisangela Moraes dos Santos (12 anos - 7º ano)

Isabele Lima Viana (12 anos - 7º ano)

Jemenny Yuri Alves Moreira (Membro vitalício)

Juliana Otassu Escobar dos Reis Lazini (12 anos - 7º ano)

Kauã Leonardo de Moura Oliveira (13 anos - 7º ano)

Livia Santos Guirao (15 anos - 9º ano)

Marcela Cabral (12 anos - 7º ano)

Samanta Oliveira Proment (14 anos - 9º ano)

Sara Mosolino da Silva (12 anos - 7º ano)

Theresa Moraes dos Santos (13 anos - 8º ano)

Desceram do ônibus, animados. Apesar da previsão de chuva, fazia calor e estava um céu de Brigadeiro. Carregavam mochilas, tupperwares com bolos de chocolates, sacolas pesadas com refrigerantes e sucos que passavam de uma mão a outra, pois ninguém queria ficar com a carga.

– Sthefany! Sthefany! A professora pediu pra você carregar essa sacola aqui! – e a mesma desculpa esfarrapada era usada para enganar os desavisados.

Professoras e alunos se reuniram na frente do lago para uma primeira foto daquele dia no Parque do Ibirapuera. Eles não eram os únicos: já ao redor do lago viam-se outros grupos de jovens com seus professores, todos alegremente reunidos por um mesmo propósito: confraternizarem-se, após mais um ano de participação no projeto Academia Estudantil de Letras – AEL. Eram em tal número que os frequentadores do parque admiravam, curiosos, a alegria festiva daquelas crianças e adolescentes encantadores.

Durante a caminhada que se seguiu, pensavam onde pousar o convescote:

– Vamos pra lá! Na sombra daquela árvore.

– Ah, mas a gente vai se sentar no jardim? Tem formiga!

– Onde você quer sentar-se? Numa sala, com ar condicionado?

E seguiu-se um coro:



– Ôooooo!

– Olha a pulseira! Olha o colar! Anel de coco! –
ao longe se ouvia uma voz que destoava do grupo.

Apesar dos conselhos das professoras para que não comprassem nada dos comerciantes, enquanto circulassem pelo parque, lideradas por Lili, algumas alunas rapidamente rodearam o tal vendedor. Viam-se acessórios e adereços passarem freneticamente por dedos, pulsos e pescoços:

– Miga! Sua cara essa pulseira!

– Combina comigo?

Com os olhos semicerrados e passo firme, a professora Andréa se dirige às meninas entusiasmadas, num tom de voz que não lhe é próprio:

– Meninas, por favor, vocês podem ficar junto do grupo!

Percebendo que não se tratava de um favor, mas de uma ordem, as alunas rapidamente voltaram ao objetivo inicial, que era o de encontrar um lugar para o piquenique.

Educadamente, a professora solicitou ao vendedor que não oferecesse os seus produtos ao grupo, pois se tratava de crianças que estavam sob a responsabilidade de uma escola. Contudo, para surpresa de todos, ele reagiu de maneira grosseira e passou a ofendê-la.

Sem dar muita importância ao ocorrido, voltaram ao passeio. Com os estômagos já roncando, toalhas



foram estendidas, potes abertos, sucos servidos e um silêncio incomum pairou, – afinal as bocas estavam ocupadas – mas logo foi quebrado:

– Hummm! Gente, essa torta está divina! Quem trouxe?

– Ah professora, foi minha mãe que fez. – disse Sara.

Muita comilança depois, começaram as fotos – muitas selfies – brincadeiras, bolsas deixadas ao léu, e o tal vendedor voltou a atacar. Dessa vez, sem anunciar seus produtos, ele sorrateiramente se reaproximou das crianças, enquanto as professoras organizavam os restos mortais do convescote. Assim que perceberam sua aproximação, as professoras Andréa e Tais, com uma atitude mais firme, daquelas que só professoras sabem ter, partiram a pedir que ele se afastasse do grupo.

Nesse exato momento, iniciou-se uma discussão, pois novamente o vendedor recusava-se a se afastar do grupo. Indignado, sentia-se impedido de trabalhar, pois não entendia as razões que já lhe haviam sido explicadas tantas vezes pelas professoras. Exaltado, começou a ofendê-las novamente, chamando-as de velhas e mal amadas, o que provocou riso entre as crianças, já que as professoras as quais se referia eram jovens e bem apessoadas.

Apesar da discussão, ele continuou a impor sua inconveniente presença, rodeando a turma, que se sentia desconfortável e acabou por decidir trocar de lugar. Quando começaram a se organizar para “levantar



acampamento”, a aluna Sara olhou para a árvore onde sua bolsa estava pendurada e, para seu espanto, a bolsa estava sendo furtada pelo meliante, que antes se passara por vendedor!

Com medo da reação do ladrão, as alunas decidiram contar discretamente o ocorrido para as professoras.

O caos se instalou! Diferentemente do que se esperava, duas das professoras foram tomadas por uma necessidade de fazer justiça, correram como se não houvesse amanhã! Uma delas nem ao menos parecia saber para onde estava indo e enquanto corria, aos berros, perguntava aos alunos “Onde ele está? Onde ele está?” – até que um deles mostrou um ponto distante entre duas árvores.

Movidos pelo calor do momento, o grupo de alunos saiu em disparada no encalço do infrator. As duas outras professoras que ficaram para trás tentavam conter a horda de justiceiros mirins.

Finalmente, o primeiro grupo, liderado pelas professoras quase homônimas, Andréia e Andréa, alcançou o gatuno. Sob acusações de ter subtraído pertences, na maior “cara lavada”, ele foi logo se defendendo, dizendo ser um homem trabalhador e honesto, abriu sua mochila e sacolas, para mostrar que não estava de posse de coisa alheia. Tal atitude levantou suspeitas na professora de que ele já teria se desfeito do objeto furtado no caminho.

– Você se livrou da bolsa! Vamos procurar, deve estar por aqui, em algum lugar!



Intuição de professora geralmente não falha, e sem que fosse motivo de muita surpresa para nenhum dos envolvidos, a bolsa foi encontrada, escondida em um dos arbustos, próximo de onde o aproveitador foi encurralado.

Sentindo-se vitoriosas, porém, ainda preocupadas, as professoras partiram a avisar os seguranças do parque, assim como os colegas coordenadores das outras Academias presentes no parque naquele dia.

Ocorrido passado, emoções acalmadas e depois de muito açúcar ingerido, o que mais se ouvia do grupo era:

– O que vamos fazer agora?

– Podemos andar de bicicleta? – foram tantos os pedidos até que a professora maluquinha, “Renata, a aventureira”, cedeu e começou a fazer uma “vaquinha” para o aluguel das bikes.

Formou-se a confusão: havia criança que não sabia andar de bicicleta e queria aprender naquela hora, criança que sabia andar e queria, mas não tinha dinheiro, havia também as que tinham dinheiro e não queriam andar ou não sabiam e as mais decididas, que foram logo escolhendo as bicicletas e subindo nelas, e por fim algumas crianças acabaram sendo escolhidas pelas bicicletas que restaram. Até organizar esta diversidade de quererem levou um tempo. Enquanto isso a professora Taís se autolegeu a guardadora dos quitutes restantes, já que suas habilidades ciclísticas não eram das melhores. Os alunos sedentários a seguiram.




A satisfação estava estampada na carinha de cada um daquele imenso grupo ciclístico: eram mais de trinta!

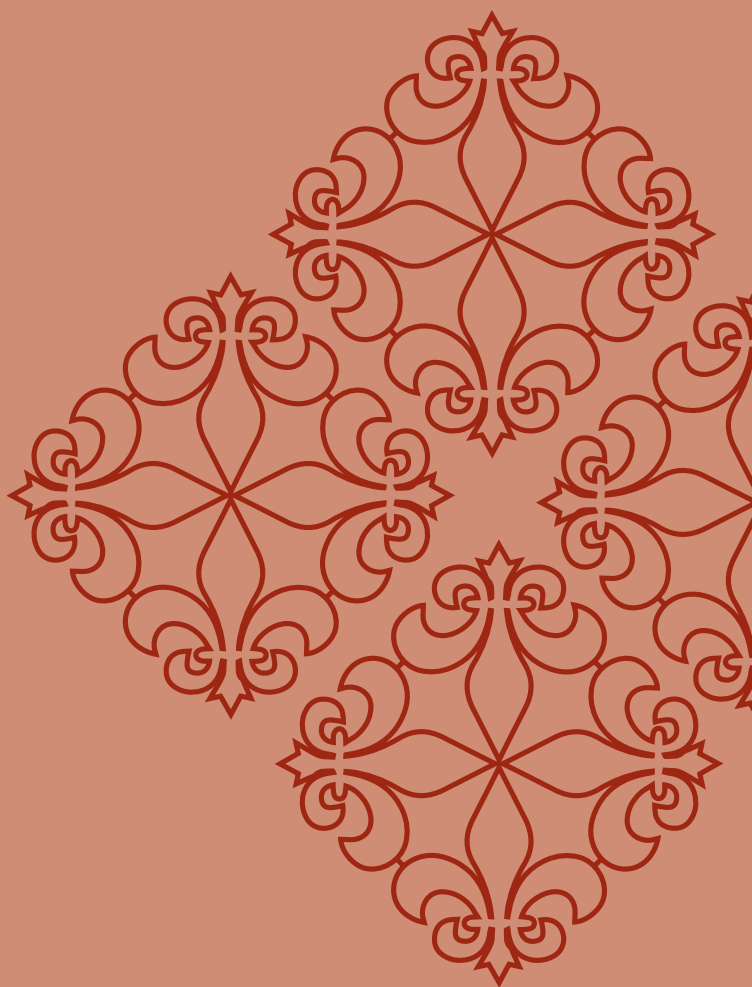
Se aventura tem um sinônimo, este seria o vento no rosto daqueles jovens. Vento que foi sendo substituído por pingos, e à medida que eles iam aumentando, o retorno foi inevitável.

Devolvidas as bicicletas, a chuva - que cumprira a fatídica previsão meteorológica vista pela manhã – acalmou, e o grupo avistou um local ideal para uma selfie, a rampa que dava acesso ao Pavilhão da Bienal do Parque Ibirapuera. Selfie feita, o ônibus chegaria em trinta minutos, e a combinação “rampa + tempo + crianças e adolescentes” resultou num escorregador gigante. Diversão pura! Ninguém escapou, nem as professoras, todos rolaram pela rampa feito croquetes empanados.

Desse dia ficou no coração de todos a saudade, a selfie e a vontade de não perder a próxima confraternização da amada Academia Estudantil de Letras, a AEL.

Ah sim, não menos notórios são os boatos que correm agora pela escola, de que com essas professoras maluquinhas e justiceiras ninguém pode! 





Metamorfose

DRE São Miguel Paulista

AEL Sergio Vaz

EMEF José Honório Rodrigues

Docentes

Virlene Oliveira da Silva


Coordenadora de Estudos Literários

Fernanda Ilário

Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmico

Renan da Silva Oliveira (II Anos - 6º ano)

eorge e seu irmão Bill, todas as noites, gostavam de observar as estrelas. Numa dessas noites, eles viram que alguma coisa estava caindo do céu:

— O que será? Que som foi esse? — perguntou Bill.

Muito curiosos, correram para ver o que era. Foi aí começou o mistério:

— Será um meteoro? — George indagou.

O objeto era oco, tinha um buraco e uma gosma.

Como já era tarde, decidiram voltar para casa e, no outro dia, George retornou àquele lugar, para ver se descobria mais alguma coisa. Chegando lá, viu uma pessoa, que estava ao lado daquilo que parecia ser um meteoro:

— O senhor está bem?

Não houve resposta e, quando o desconhecido se virou para o menino, George achou o rosto dele muito estranho, sem expressão, como se o homem não tivesse alma. Curioso, mas assustado, chegou mais perto, quando de repente aquele “ser” transformou-se, subitamente, em um bicho muito estranho, bem ali na sua frente. E o pior: seguia em sua direção. George partiu em disparada para sua casa e, ao chegar, cuidou de trancar todas as portas, indo, imediatamente, contar para seu irmão o que tinha acontecido. Porém, seu irmão não acreditou. Então, resolveram voltar ao mesmo lugar, para ver se encontravam aquele bicho novamente. Mas não encontraram nada! Na verdade, encontraram somente aquilo que parecia ser um meteoro...



Os irmãos voltaram para casa, achando muito estranho e assustador o que acontecera com eles.

Persistentes, ainda que muito assustados, depois de alguns dias, voltaram novamente para aquele lugar e observaram que havia “outro” buraco no meteoro. Com muito cuidado, aproximaram-se e foram ver o que havia dentro do buraco. Tinha algo parecido com ovos e estes estavam muito quentes. De repente, ouviram um barulho e foram se esconder. Ficaram bem quietos! O bicho estava voltando com um pedaço de carne, que parecia ser de uma pessoa, deixou o pedaço de carne e saiu novamente. George e seu irmão ficaram ali, paralisados. E o estranho bicho voltou com mais carne ainda!

Bill e George só queriam sair dali, estavam com muito medo. Começaram a pensar que toda aquela carne poderia ser para alimentar os bichos que ainda iriam nascer.

O bicho saiu novamente, foi aí que eles saíram correndo, para escapar daquele ninho. Chegando lá, eles pensaram no que fariam.

Resolveram fazer uma bomba caseira para explodir aquele ninho.

Fizeram a bomba e foram ao encontro do ninho. Chegando lá, entraram bem devagar e viram que os bichinhos já haviam nascido e já estavam comendo.

Jogaram a bomba, mas ela falhou! Mais assustados ainda, foram embora. Definitivamente, sozinhos não conseguiriam resolver aquele problema.



[E...se os bichos atacassem outras pessoas???)

Resolveram, então, contar tudo para o tio de George, que era cientista. Levaram-no até o meteoro, onde estavam os bichos.

Quando Tio George pegou uma amostra da gosma e levou para analisar, constatou que era inflamável.

Então, arquitetaram um plano: quando todos os bichos estivessem dentro do buraco, jogariam fogo e sairiam correndo. Assim o fizeram. O plano deu certo e tudo virou cinzas.

George e Bill entenderam que as aparências às vezes enganam e que nem tudo é o que parece ser. 🌸



A dança da vida

DRE Guaianases

AEL Dias Gomes

EMEF Dias Gomes

Docentes

Felipe Ferreira de Oliveira

Coordenador de Estudos Literários

Leandro Alves Machado Torres

Coordenador das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Kaillany Teles Rodrigues Santos (14 anos- 9º ano)

Gabriella Gonçalves da Silva (14 anos- 9º ano)

Samuel Ferreira Teles Sobral (14 anos- 9º ano)

Maria Eduarda Paes Gonçalves (14 anos-9º ano)

Gabriel Ferreira Teles (14 anos - 9º ano)

Helen Jasmin Huanca Suxo (14 anos - 9º ano)

Suianny Vitoria Oliveira dos Santos (14 anos - 9º ano)

Ana Claudia Alves Gonçalves (14 anos - 9º ano)

Laís Graciano Souza Barros (14 anos - 9º ano)

Kawany Cristina Carvalho (14 anos - 9º ano)

Vanessa Santos de Jesus (13 anos - 8º ano)


Julia Lourenco Dias (13 anos - 8º ano)

Lavinia Aisar Dutra (13 anos - 8º ano)



Vitor Gabriel Xavier Almeida (13 anos - 8º ano)
Emily Beatriz Aragao Gonçalves Queiroz (13 anos - 8º ano)
Yasmin Aparecida Dos Santos (13 anos - 8º ano)
Milena De Souza Augusto (12 anos - 7º ano)
Iasmin Sales de Macedo (13 anos - 8º ano)



harlotte, menina muito tímida, considerada uma boa aluna pelos professores da EMEF Dias Gomes, por gostar bastante de ler, motivou-se a participar do projeto Academia Estudantil de Letras – AEL, desenvolvido na sua escola, voltado para a leitura, artes cênicas, dança e literatura.

No início, Charlotte ficava sempre nos “bastidores”, durante as apresentações e seminários, atividades pontuais do Projeto, que oportunizam, inclusive, quebra de barreiras de timidez.

A oportunidade surgiu durante a escolha, dentre os alunos acadêmicos, de quem representaria a personagem “Bela”, do clássico “A Bela e a Fera”, em uma coreografia cênica.

Mesmo insegura, Charlotte, após ter assistido a vários ensaios, perguntou ao seu professor se poderia fazer o “teste”.

O nervosismo e angústia fizeram com que suas pernas tremessem. O frio na barriga fazia parecer que o chão havia se tornado gelo e suas mãos suavam.



Logo que a música começou, ela se posicionou com seu par e começaram a dançar. O mundo parou. Parecia que existiam apenas os dois. Charlotte nem se importava com a plateia de amigos, que assistia ao espetáculo, perplexa e admirada. A dança aconteceu tão naturalmente que levava todos para dentro do próprio conto de fadas. Os papéis se encaixavam perfeitamente.

Terminada a música, todos aplaudiram.

Charlotte ficou aliviada, e conseguiu o papel principal.

A partir desse acontecimento marcante em sua vida, Charlotte percebeu que seria capaz de vencer desafios, daí para frente, se soubesse buscar oportunidades para modificar atitudes e se tivesse, principalmente, determinação.

A escola fica distante do centro da cidade, as opções de cultura e lazer no bairro são escassas e, quando tem Festa Junina, é um acontecimento onde o bairro inteiro participa e faz questão de ir. Com a fundação da AEL Dias Gomes, em Guaianases, as apresentações musicais acabaram também caindo no gosto do público e, com a dança, alusiva ao livro “A Bela e a Fera”, não foi diferente.

A apresentação ficou marcada para o meio dia - hora em que a Festa Junina costuma estar lotada. Com todos os alunos e comunidade presentes, o nervosismo ficou ainda maior, pois, até os familiares de Charlotte foram assisti-la naquele sábado frio, porém, ensolarado do mês de junho.



Com todos os holofotes em cima de Charlote, a apresentação desenvolveu-se de forma maravilhosa e ela acabou sendo a mais aplaudida de toda a Festa. A partir daí, a vida daquela aluna excelente, porém tímida, mudou para sempre, com o reconhecimento de todos.

No decorrer do ano, Charlote e seus amigos do projeto AEL conheceram e interagiram com alguns autores, tiveram acesso a vários espaços privilegiados da Cidade de São Paulo, como a Academia Paulista de Letras, a Câmara Municipal de São Paulo, o Parque Ibirapuera, Teatros e Centros Culturais.

Para fechar o ano, de maneira especial, a vitoriosa menina, por ter mostrado seu desempenho e postura acadêmica, tomou posse na AEL Dias Gomes, na Festa Anual de Posse, com seus amigos e colegas. 🌸



Uma linda tarde na Biblioteca

DRE São Miguel Paulista

AEL Biblioteca João Cabral de Melo Neto

Bibliotecários

Raimundo Aldeide de Souza e Alessandro Menezes da Silva
Coordenadores de Estudos Literários

Maria Gorete de Jesus C. Cordeiro
Coordenadora das Atividades de Teatro

Acadêmicos

Cristine Andrade Paz (12 anos)
Isabella Vitória Souza Oliveira (9 anos)
Kevin Oliveira Pereira (19 anos)
Laura Martins (14 anos)
Marcieleno Gonçalves de Sousa (67 anos)

Nunca se imaginara que naquele dia ia surgir tanta inspiração para escrever um conto a várias mãos. Assim como o galo do poema “Tecendo a manhã” do patrono de nossa AEL João Cabral de Melo Neto “um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos” - alguns acadêmicos também teceram uma bela tarde poética naquele encontro literário de nossa AEL.

Nesse contexto poético, a inspiração acontece como por magia! Interessante mesmo foi ver o entusiasmo das pequenas escritoras, quando surgiu a ideia de escrever um conto, cujo tema escolhido foi Inspiração.

Nesse dia aconteceu algo maravilhoso e surpreendente! Meninas e meninos, como num jogo, começaram a rimar e a brincar com a Poesia. Os versos fluíam, sem nenhum esforço: *“Poema é vida/ Poema é cultura/ Vamos estudar o poema?/ Tudo que te inspirar/ Você pode citar/ Tudo o que você pensar/ Você pode adotar”*

Enquanto uns riam e se divertiam, outros aproveitavam o momento mágico para dar voz ao coração, de uma forma mais intimista: *“A solidão me pegou.../ Infelizmente... Eu sei! / Até minha sombra me deixou/ Hoje não tenho inigüém.”*

De um modo ou de outro, quem reinava naquela linda tarde, na biblioteca, era mesmo a Poesia: *“O poema nos envolve no dia a dia, / Tem poesia no sol e na lua/ No mar e na terra, / Entre os namorados / Tem poesia na família, / Enfim, a poesia está em tudo...”*



“A poesia está em tudo” – Repetiam, inspirados, os últimos versos que ecoavam no ar, mas, outros ainda chegavam: “A transmissão do conhecimento se faz com melodia, / com palavras, com versos e rimas...”

A poesia contagiava a todos que entravam na biblioteca e observavam aqueles jovens poetas!

De repente, todos os olhares se voltaram para uma menina que entrou, toda agitada, desculpando-se pelo atraso:

– Boa tarde, amigos! Desculpem-me pelo atraso... é que quando estava saindo de casa, o meu irmãozinho, que brincava com seu skate, escorregou na rampa lateral lá de casa e se esborrachou no chão. Foi um susto enorme! Corri para chamar a minha mãe, que logo me pediu para pegar a caixa de primeiros socorros. Após limpar os ferimentos e fazer os curativos, disse-me que estava tudo bem e que eu poderia vir ao encontro literário, pois, graças a Deus, o meu irmãozinho estava fora de perigo.

E completou:

– Vamos ao que interessa... Estou cheia de ideias para escrever o nosso conto!

Num sobressalto, como se tivessem voltado à razão, os jovens poetas entreolharam-se e, um dos meninos dirigiu-se à garota:

– Que bom que você chegou! Ficamos até agora escrevendo e declamando poesias... E... não fizemos o CONTO!



– Acho que vou salvar a turma, disse, sorrindo, a menina, que começou a ler o conto que escrevera:

O segredo revelado

“Muito tempo atrás, na sociedade secreta dos bichos, os pássaros eram considerados superiores por possuírem asas. Eles dançavam no céu de manhã até escurecer, era uma grande festa.

Naquele dia, a senhora coruja não foi à festa... em vez disso, pegou um livro, sentou-se do lado de fora de sua casa e começou a ler. Não demorou muito até o Senhor macaco aparecer:

– Olá coruja! O que está fazendo?

– Viajando, macaco! Viajando, com lindas asas!

– Coruja, diga-me! Poderei um dia ter lindas asas como as suas?

– Se você se esforçar, conseguirá. Asas grandes e extraordinárias!

– Diga-me o que fazer...

A partir daquele dia, em todas as tardes, a coruja recebia a visita do macaco. Ele aprendia uma letra ou uma sílaba... até que aprendeu a ler.

O macaco ensinou a cabra

A cabra ensinou a girafa

A girafa ensinou o elefante

O elefante ensinou o rato




O rato ensinou a onça
A onça ensinou o cavalo.

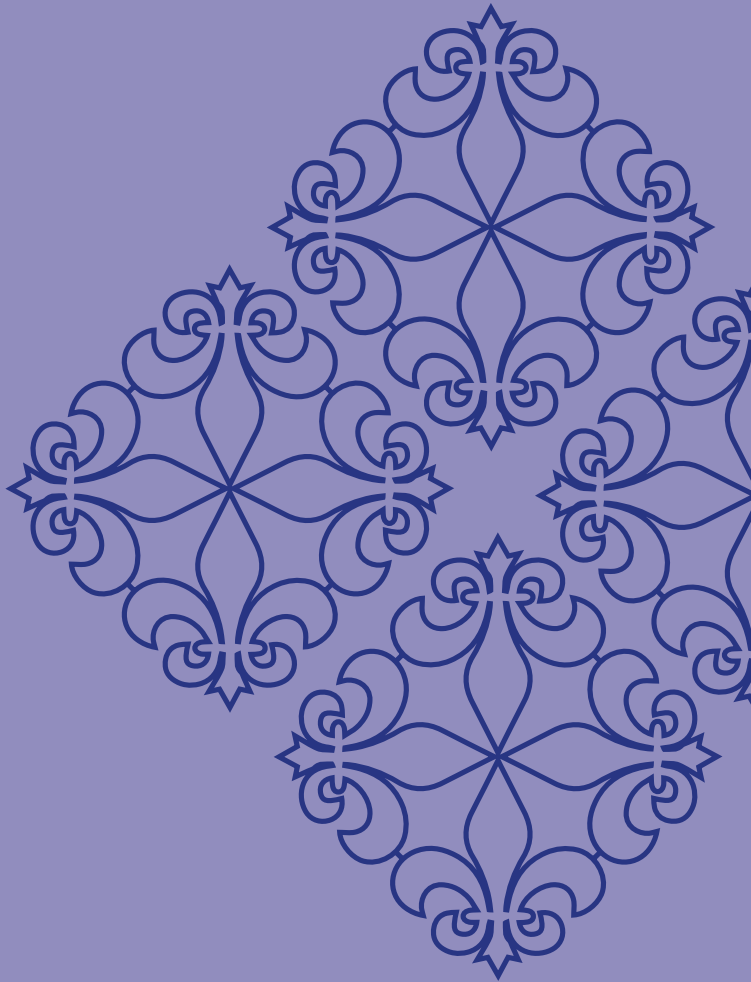
Em pouco tempo, todos os animais aprenderam a ler, criando, assim, grandes e extraordinárias asas.”

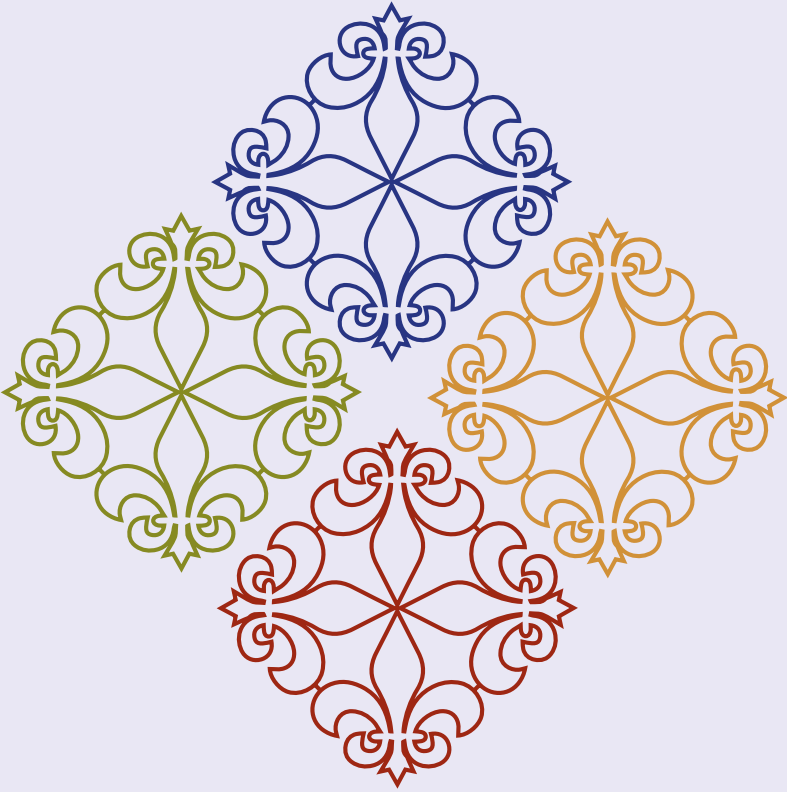
Acabada a leitura, todos se abraçaram, naquela tarde inesquecível, onde Poesia e Conto se entrelaçaram, finalmente.

O aprendizado foi incalculável!

Cada um ensinou ao outro o que sabia e, quando perceberam, estavam voando juntos, para outras aventuras e histórias. 







Coordenadores da AEL nas DREs

DRE Butantã - **João Rosalvo da Silva Junior**

DRE Campo Limpo - **Elaine Silva Lacerda de Miranda**

DRE Capela do Socorro - **Luciene Aparecida Grisolio Cioffi**

DRE Freguesia/Brasília - **Roberto Antonio Maciel**

DRE Guaianases - **Rosana Soares Godinho**

DRE Ipiranga - **Francisco Fabiano Dantas Santos**

DRE Itaquera - **Lúcia Ramalho Nunes Munis e Diogo Lázaro de Araújo**

DRE Jaçanã/Tremembé - **Ivan Venturini**

DRE Penha - **Thalita Garcia Lopes**

DRE Pirituba/Jaraguá - **Edileusa Andrade de Carvalho Araújo Costa**

DRE Santo Amaro - **Claudia Gonçalves da Silva e Débora Lieber de Paula**

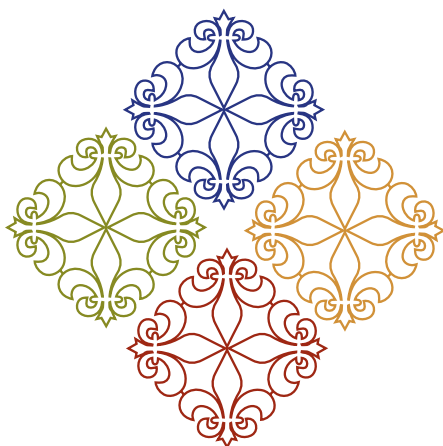
DRE São Mateus - **Girséley Alexandre Gonçalves Sato**

DRE São Miguel Paulista - **Adalberto Pereira dos Santos**



Academia Estudantil de Letras





Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica
da Secretaria Municipal de Educação.
portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/biblioteca-pedagogica
e-mail: smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br
Telefone: 55 || 3396-0500

Formato: 140x210mm
Papel: offset 75g/m² (miolo) | triplex 300/m² (capa)
Acabamento: Lombada quadrada com cola PUR
Laminação BOPP Fosca



PREFEITURA DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

